PARA TODOS...

ANNO XIII — NUM. 662
Rio de Janeiro, 22 de Agosto de 1931
PREÇO: 1$000

AS TINTAS PARA CABELOS E ALGUNS CONSELHOS POR

A. DORET

Raras são as tintas para cabelos que satisfazem quem as emprega. Nem sempre são inofensivas.

Outra tintura fica esverdeada no fim de poucos dias, tal outra toma no cabelo a côr de vinho tinto, bastante desagradavel aos olhos; esta é preta demais, resecca o cabelo, alisa o que é ondeado, faz mais velha a pessoa que a emprega, dá á fisionomia um ar sevêro e triste ao mesmo tempo.

Trinta anos de experiencia, de estudos, de aplicação deram-me uma certa autoridade para falar nisso.

Nenhuma casa de cabeleireiro, em qualquer pais que fosse, quer na Europa ou na America, atingiu o grâu de perfeição ao da casa Doret, tenho no meu estabelecimento clientes de todas as nacionalidades que atestariam a superioridade de meus metodos de tingir os cabelos, garantindo a inócuidade absoluta de meus prodûtos. A's pessoas que não possam vir ao meu estabelecimento, ás pessoas longe do Rio de Janeiro, recomendo nunca tingirem os cabelos de preto; é melhor acastanha-los que colorir o branco de preto. Isso, além de ser mais natural, mais facil será, mais higienico.

Recomendo a todos o fluído Doret para acastanhar ou alourar o cabelo, este prodûto é dez vezes menos forte que a agua oxigenada, não queima os cabelos e é um excelente desinfétante.

Para recoloração do cabelo empregai o meu Henné pure Doret, para obter o louro bastará apenas 5 a 10 minutos de aplicação, para o bronzeado ½ hora, para acajou escuro uma hora e meia.

As pessoas que quererem escurecer os cabelos para castanho-escuro dévem empregar o Tonico Déesse n. 12.

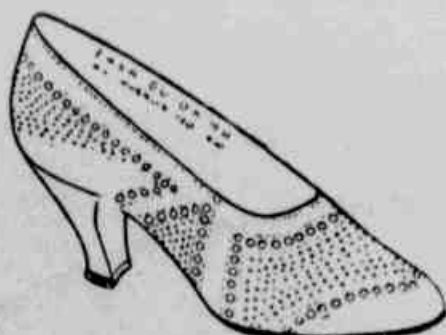
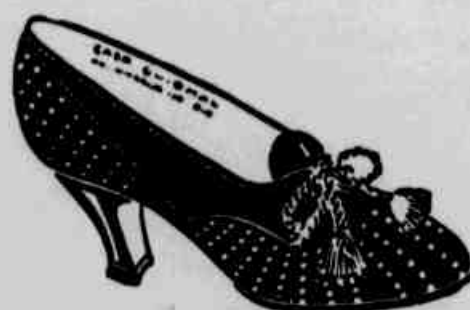
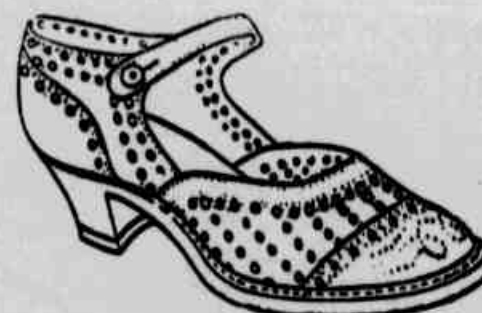
Para qualquer caso particular é bom consultar A. Doret e seguir seus conselhos é garantia de bom exito.

A Casa A. Doret recomenda suas manicures, seus produtos incomparaveis para a beleza da pele e cabelos, seus modelos de penteados, estudados para cada pessoa, os cabeleireiros da casa Doret são verdadeiros artistas. Ondulação permanente, Marcel, Misemplis, Soins de Beaute.

A. DORET cabeleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telefone 2-2431 — Rio de Janeiro

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO" — A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

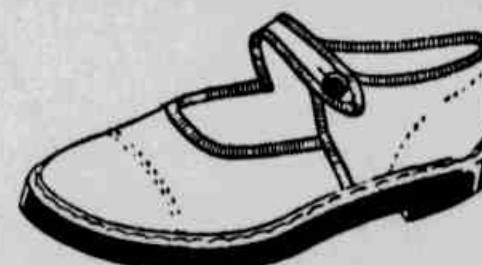
O EXPOENTE MAXIMO DOS PREÇOS MINIMOS

35$ — Em fina pellica envernizada, preta, pellica marron, ou naco branco lavavel, salto Luiz XV, cubano alto.

35$ — Fina pellica preta envernizada, naco branco lavavel ou pellica marron, Luiz XV, cubano alto.

30$ — Em naco branco lavavel, pellica marron, ou pellica envernizada preta, salto mexicano.

Superior pellica envernizada preta, typo bataclan, salto baixo.

De ns. 28 a 32........	21$000
" " 33 a 40........	23$000

Em naco branco mais 4$000.

Fortissimos sapatos typo alpercata proprios para escolares em vaqueta preta ou avermelhada.

De ns. 18 a 26........	8$000
" " 27 a 32........	9$000
" " 33 a 40........	11$000

Superior alpercata de pellica envernizada preta, toda debruada, artigo garantido.

De ns. 18 a 26........	6$000
" " 27 a 32........	7$000
" " 33 a 40........	8$000

Porte 2$000 sapatos, 1$500 alpercatas em par

CATALOGOS GRATIS

Pedidos a *Julio N. de Souza & Cia.*, Avenida Passos, 120, Rio — Telep. 4-4424

ENDEREÇOS SELECCIONADOS

Cabelleireiros:

A. DORET — R. Alcindo Guanabara, 5 — Tel. 2-2431

AMERICO — R. Sete Setembro, 86-1° — Tel. 2-1181

ERITIS — R. Urugayana, 78 — Tel. 2-2608

BOTAFOGO — R. S. Clemente, 36 — Tel. 6-1504

Manicures:

CASA ERITIS — R. Uruguayana, 78 — Tel. 2-2608

Mme. CAMPOS — R. Sete Setembro, 166 — Tel. 2-1701

A. DORET — R. Alcindo Guanabara, 5 — Tel. 2-2431

Pedicures:

MIGUEL BRAGA — R. Quitanda, 79-1° — Tel. 4-5502

GONZALEZ J. — Gonçalves Dias, 78-1° — Tel. 3-5416

MOLEDO — R. Urugayana, 31-1° — Tel. 2-4126

Massagistas:

ACADEMIA SCIENTIFICA DE LISBOA — Av. R. Branco 134-1° — Tel. 2-4658

MARGARIDA BRANDT — R. Marq. Abrantes, 109 — Tel. 5-1170

Mme, CAMPOS — R. Sete Setembro, 166 — Tel. 2-1701

Penteadores:

FLEURY FELICIEN — R. Sete Setembro, 40-1° — Tel. 4-3867

JULIO DUARTE & C. SOARES — R. Sete Setembro, 139-1° — Tel. 2-5806

LONGOBARDI AUGUSTA — R. Carioca, 12-1° — Tel. 2-1551

Institutos de Belleza:

LUDOVIG — R. Ouvidor, 164-1° — Tel. 2-9504

Mme. CLEMENT — R. Uruguayana, 22-2° — Tel. 2-1510

ISABEL RAMOS — Av. Alm. Barroso, 1-S|2 — Tel. 2-8558

Joalherias:

OSCAR MACHADO — R. Ouvidor, 103 — Tel. 4-2367

KRAUSE & Cia — R. Ouvidor, 152 — Tel. 2-9044

LUIZ DE REZENDE — R. Ouvidor, 116 — Tel. 2-9010

MAPPIN & WEBB — R. Ouvidor, 100 — Tel. 4-0489

CASTRO ARAUJO — R. Ouvidor, 168 — Tel. 2-9238

CASTRO LEITE & Cia. — R. Ouvidor, 140 — Tel. 2-9028

Calçados:

CASA DO BASTOS — R. Uruguayana, 19 — Tel. 2-2616

A EXQUISITA — R. Gonçalves Dias, 62 — Tel. 2-1387

CASA OUVIDOR — R. Ouvidor, 171 — Tel. 2-3872

CASA ABRUNHOSA — R. Republica do Perú, 101 — Tel. 2-0276

CASA NORAH — Av. Passos, 59 — Tel. 4-3647

CASA GUIOMAR — Av. Passos, 120 — Tel. 4-4424

CASA RIVER — R. Republica do Perú, 46 — Tel. 2-5477

BOTA FLUMINENSE — Av. Passos, 123 — Tel. 4-5963

GALLO & Cia. — R. S. José, 69 — Tel. 2-3545

GATO PRETO — R. Visc. Maranguape, 9 — (Lapa) — Tel. 2-4686

A SEDUCTORA — R. Uruguayana, 46 — Tel. 2-2228

A PREDILECTA — R. Uruguayana, 60 — Tel. 2-2123

CASA FERRAZ — R. Uruguayana, 34 — Tel. 2-0655

Chapéos:

CASA LEBLON — R. Gonçalves Dias, 15 — Tel. 2-1540

MARIA MAGRA — Ouvidor, 155 — Tel. 3-6353

CASA CASTRO — R. Uruguayana, 11 — Tel. 2-2234

PEREIRA DE SOUZA — R. Gonçalves Dias, 4 — Tel. 2-4832

RIGOR DA MODA — Sete Setembro, 185 — Tel. 2-3679

BACCARINI, IRMANS — Av. Rio Branco, 106-1° — Tel. 2-1193

MARIE CAMILLE — Av. Rio Branco, 133 — Tel. 3-2700

JUDITH MOURA — Av. Rio Branco, 177 — Tel. 3-1047

Perfumarias:

BAZIN — Av. Rio Branco, 143 — Tel. 3-3746

LOPES — Av. Rio Branco, 134 — Tel. 2-2938

LOPES — Praça Tiradentes, 34-38 — Tel. 2-0648

LOPES — R. Uruguayana, 44 — Tel. 2-0539

CIRIO — R. Ouvidor, 183 — Tel. 2-9249

HORTENCE — R. Sete Setembro, 123 — Tel. 2-5675

KANITZ — R. Sete Setembro, 127 — Tel. 2-0697

PERESTRELLO — R. Uruguayana, 66 — Tel. 2-4094

RAMOS SOBRINHO — R. Quitanda, 89 — Tel. 3-4571

Casas de Meias:

CASA DAS MEIAS — R. Uruguayana, 154 — Tel. 3-4909

CASA OLGA — R. Uruguayana, 100 — Tel. 4-0218

CASA SOUTO — R. Sete de Setembro, 93 — Tel. — 2-3342

CASA STEPHAN — R. Uruguayana, 12 — Tel. 2-8424

MOUSSELINE — R. Gonçalves Dias, 39 — Tel. 2-1252

MOUSSELINE — R. Uruguayana, 20 — Tel. 2-1489

MEIA PAULISTA — R. Uruguayana, 18 e 26 — Tel.

Armarinho (miudezas):

CASA GONÇALVES — R. Sete Setembro, 165 — Tel. 2-3958

PARC ROYAL — R. Ramalho Ortigão — Tel. 2-3064

BARBOSA FREITAS & Cia. — Av. Rio Branco, 136 — Tel. 2-0318

Mme. ROCHE — Av. Rio Branco, 104 — Tel. 4-2159

CASA RATTO — R. Gonçalves Dias, 47 — Tel. 3-8539

CASA MACHADO — R. Gonçalves Dias, 45 — Tel. 2-3548

A SAMARITANA — R. Ramalho Ortigão, 18 — Tel. 2-0888

A SILHUETA — R. Sete Setembro, 147 — Tel. 2-3093

Fazendas:

PARC ROYAL — Largo S. Francisco — Tel. 2-3064

NOTRE DAME — R. Ouvidor, 182 — Tel. 2-9050

CASA ISIDORO — R. Sete Setembro, 99 — Tel. 2-1754

CASA DOS TRES IRMÃOS — R. Ouvidor, 160 — Tel. 2-9444

CASA SUCENA — Av. Rio Branco, 76-86 — Tel. 4-0604

FAZENDAS PRETAS — Av. Rio Branco, 141 — Tel. 3-3837

Modas e Confecções:

A IMPERIAL — R. Gonçalves Dias, 56 — Tel. 2-1296

SALGADO ZENHA — Av. Rio Branco, 145 — Tel. 3-3012

A MODA — R. Gonçalves Dias, 20 — Tel. 2-1468

FAZENDAS PRETAS — Av. Rio Branco, 141 — Tel. 3-3837

PARC ROYAL — R. Ramalho Ortigão — Tel. 2-3064

AGUIA DE OURO — R. Ouvidor, 169 — Tel. 2-9139

A VOGA — R. Ouvidor, 167 — Tel. 2-9048

AO GRAND PALAIS — R. Sete Setembro, 110 — Tel. 2-4230

Rendas e Bordados:

CASA CASTRO (Bordados) — Sete Setembro, 175 — Tel. 2-1443

CASA GABY (Bordados) — Ouvidor, 176 — Tel. 2-0995

Mme. ROCHE (Bordados e Rendas) — Av. Rio Branco, 104 — Tel. 4-2159

PINHEIRO & IRMÃOS (Bordados) — Gonçalves Dias, 57 — Tel. 2-1301

VIEIRA DA SILVA & Cia. (Bordados) — Sete Setembro, 143 — Tel. 2-1220

A VALENCIANA (Rendas) — Av. Rio Branco, 152 — Tel. 2-3984

CASA FLORENÇA (Rendas) — Av. Rio Branco, 158 — Tel. 2-8808

CASA VENEZA (Rendas) — Av. Rio Branco, 117 — Tel. 4-2479

Luvas e Leques:

CASA FORMOSINHO — R. Ouvidor, 136 — Tel. 2-9134

LUVARIA GOMES — R. Ramalho Ortigão, 38 — Tel. 2-2459

CASA CAVANELLAS — R. Ouvidor, 178 — Tel. 2-9405

CASA SERRANO — R. Gonçalves Dias, 14 — Tel. 2-4920

Flores:

CASA FLORA — R. Ouvidor, 61 — Tel. 4-2247

CASA FLORA — R. Gonçalves Dias, 67 — Tel. 2-0486

CASA JARDIM — R. Gonçalves Dias, 138 — Tel. 2-2852

FLOR DE LIZ — Av. Rio Branco, 175 — Tel. 2-5681

FLORICULTURA BARBACENA — R. Assembléa, 113 — Tel. 2-8132

ARTE FLORAL — R. Gonçalves Dias, 17 — Tel. 2-8260

Pelleterias:

PELLETERIA BRASIL — Praça Governadores, 2 — Tel. 2-4972

PELLETERIA CANADA' — R. Uruguayana, 21-1° — Tel. 2-4827

PELLETERIA LEIPZIG — R. Gonçalves Dias, 75-1° — Tel. 2-2696

PELLETERIA SIBERIA — R. Ouvidor, 155-1° — Tel. 2-9059

Cintas:

CASA SCHAYE' — Av. Gomes Freire, 19 — Tel. 2-1074

CASA MORAES — R. Assembléa, 107 — Tel. 2-2419

MODELO LUIZ XV — R. Ouvidor, 177 — Tel. 2-9205

LUIZA TUPY — R. S. José, 104-4° and. — Tel. 2-1436

Grafologia

AVISO

Temos inutilizado inumeras cartas, umas escritas em papel pautado, outras não assinadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assinados em papel liso. O pseudonimo só é permitido para respostas.

IDINHA (Caxias) — Temperamento um tanto diverso do da sua irmã, sem deixar de ter, entretanto, alguma originalidade. E' mais expansiva, franca, talvez egoista, o que se presupõe ser ciumenta. E' tambem pessimista e aquêle ponto negro no final do traço com que firma sua assinatura é caráteristico. Bôa menina, finalmente, cheia de inteligencia e graça natural.

LUCITA (Caxias) — Espirito fino, delicado, aristocrata, cheio de nobres sentimentos, elevação de idéas, generosidade e um pouco de natural orgulho. Caráter de muita independencia, sabendo agir por si, arcando com a responsabilidade dos seus átos e resolvendo as questões de um golpe incisivo e rapido como o corte da inicial do seu nome de familia.

LUIZ (Manhumirim) — Caráter indeciso, timido, apesar de ambicioso, cheio de altas aspirações, desejos de ser "algo". Espirito artistico, amor á poesia e á musica. Delicadeza, sensibilidade exaltada, dedicação, lealdade

LULÚ (Petropolis) — Seu pedido já foi atendido. Não ha nenhuma alteração apreciavel. A mesma teimosia, apesar de ser bondosa, gentil e franca.

Quanto ao horoscopo que manda pedir queira se dirigir ao Dr. Sabe-tudo d'O Tico-Tico que é quem sabe tambem dessas "altas" questões de astrologia.

G. LIP (Poços) — Franqueza, retidão de caráter, ordem, pontualidade, lealdade, são as principais caracteristicas da sua grafia. Tem ainda senso artistico e pendor para as letras. E' bondoso e cheio de generosidade com um pouco de orgulho do seu eu moral. Personalidade bem marcada, o que se vê do traço com que firma seu nome de familia.

DIPLOMATA (S. Paulo) — E' muito delicado, atencioso, amigo das

comodidades, do luxo, das grandes viagens confortaveis. Tem bastante iniciativa propria, alegria de viver, coragem, ambição bem orientada. Um tanto reservado não deixa transparecer seus pensamentos nem seu modo de sentir. Cauteloso e algo original.

ITA (Rio) — Bondade, doçura, gentileza, sentimentos altruisticos e nobreza dalma. Muito suscetivel por qualquer cousa menos delicada sente que se melindra seu amor proprio. Um pouco melancolica, preocupada, pelo menos no momento de escrever as frases gentis que enviou no cartão cor de rosa. Naquêle momento não via o mundo por um prisma da mesma cor do cartão...

WANDICA (Rio) — Imperiosa, genio forte, independente, cheia de teimosia, não admitindo que prevaleça opinião diversa da sua. Quer ficar sempre com a última palavra nas discussões, e, embora não tenha razão, exclama: "Disse, está dito e acabou-se!" E' decidida, franca, de poucas palavras e de ação pronta e energica. Sabe querer e sabe fazer com que sua vontade seja respeitada.

VESTA (D. Bôa Esperança — Minas Gerais) — Bastante franca e energica sem excluir a bondade e doçura naturais da sua indole afetiva. Muita força de vontade, energia creadora, inteligencia, amor ás artes e ao estudo. Economica e prudente em resolver assuntos de importancia. Alma bem formada, cheia de meiguice e afeto.

MLLE DE STAEL (Minas) — Alma sonhadora de artista e poetisa, mesmo sem ter nunca escrito uma quadra rimada. Cerebro fantasista cheio de ideais, de quimeras e castelos que se vão construindo á força de sua imaginação fecunda. Amiga da leitura e dos bons autores, deleita-se no convivio dos livros.

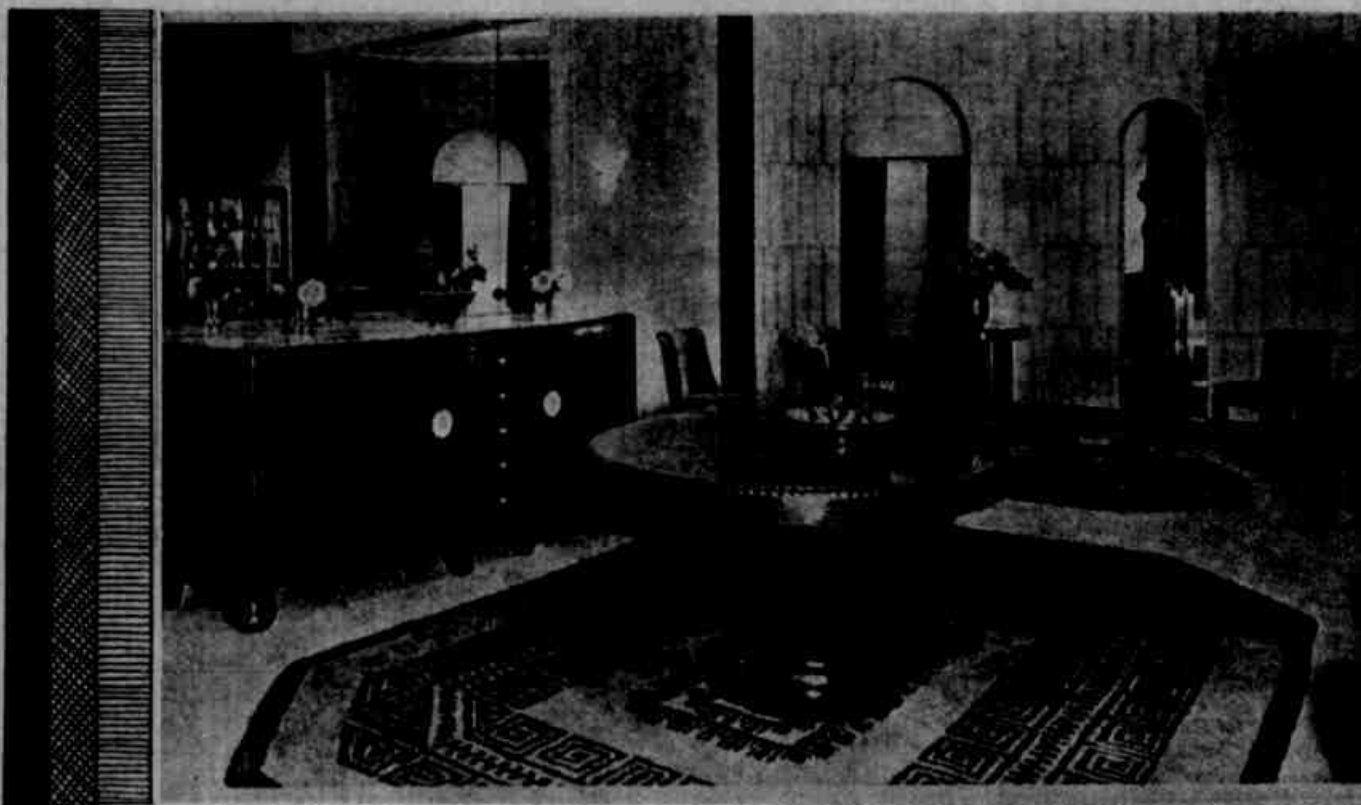
DÉA (Minas) — Temperamento um tanto semelhante ao antecedente, apenas com um pouco mais de personalidade e independencia pouco se lhe dando a opinião alheia a seu respeito, desde que esteja satisfeita com a sua conciencia. A forma de grafar o til é uma especie de "dar de ombros" caracteristico do gosto que acompanha a frase dos franceses: "Je m'en fiche..."

TACO (D. Bôa Esperança — Minas Gerais) — Pela sua letra vê-se que é um emotivo e sentimental, sugestionavel, nervoso, caráter maleavel, acomodaticio. Ha um sinal que indica superstição, amor ao misterio, ás situações complicadas e embaraçadas. Inteligencia mediocre. Pouco cultivo intelectual.

TRISTÃO DE ISOLDA

PARA TODOS... em Minas

Senhoritas Elza, Octacilia e Odelia, da sociedade de Conceição do Rio Verde — Minas.

Henry Q. Willians, ilusionista, prestidigitador e ignotista, que em breve estreará nesta Capital.

PARA TODOS...

Rio

22 — VIII — 1931

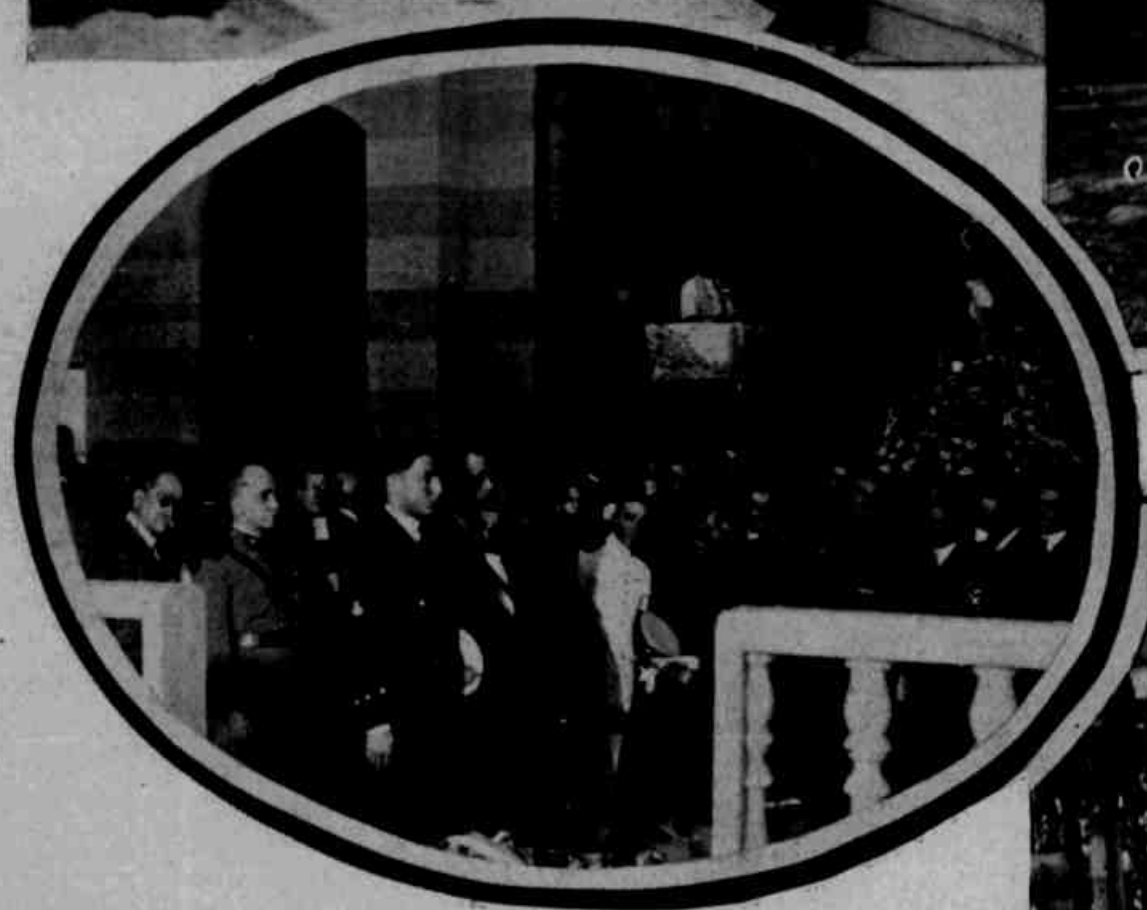
R E C E P Ç Ã O

em casa do doutor Peixoto de Castro

São Sebastião

Benção da nova igreja

O povo esperando a procissão

O Vigario Geral rezando a ladainha

A benção em torno da igreja

O sermão do Conego Henrique Magalhães

Sabado e domingo 15 e 16 de Agosto de 1931

A chegada da procissão á igreja

agnes geraghty
a maior nadadora do mundo

ROMANCE

de ACCIOLY NETTO

TAMBEM êle... Quem haveria de imaginar! Era tão macambuzio — tão metido consigo mesmo — tão preocupado sempre com a pouca coisa que representava na vida! E, entretanto, apesar de seus trinta anos irreparaveis de amanuense, sempre preterido, sempre resignado, tinha, como qualquer um de nós, o seu romance!

Todas as manhãs, antes de se fazer igual-a-todos, sem que ninguem suspeitasse, dava-se cinco minutos de ilusão — cinco minutos escrupulosamente contados — quando acertava o seu velho relogio, diante da pequena "vitrine" de uma casa de joias de seu suburbio.

Dentro daquela loja modesta, onde brilhavam ouros falsos e pedras de mentira, lá no fundo, como uma gata borralheira, disfarçada em vinte e quatro anos louros de uma mulher, morava a Felicidade.

Era aquêle o motivo de sua parada. Para ganhar um cumprimento e ás vezes um sorriso. Era o momento de sua desbotada alegria. O pedaço bom de seu dia sem relevos. O motivo das outras horas em que estacionava na vida.

Isso havia seis anos. Descobrira-a por acaso, uma vez que se detivera, sem saber porque, á "vitrine" daquela loja, escondida, como por vergonha, numa prega da rua. Talvez para imitar um semelhante que acertava o relogio — talvez por uma atração desconhecida, se é verdade que existem essas cousas de espirito.

Seis meses ensaiou o primeiro "bom dia". E, quando seus olhos, mais que seus pobres ouvidos, um pouco surdos, perceberam uma timida resposta, começou a achar — êle, um pessimista, um eterno preterido nas promoções — que a vida era bela!

o o o

Tambem nunca foi adiante.

— Bom dia.

— Bom dia.

Mas dentro dessas duas frases, a dêle e a dela, construira todo um longo romance. Naqueles cinco minutos de relogio, antes da vinda do bonde, vivia mais que qualquer dêsses materialistas do amor que necessitam das vinte e quatro horas do dia, e ás vezes mais, para contentar os sentidos.

Êle não. Bastavam êsses muitos segundos, entre as dez menos sete e dois para as dez. E tambem, para que mais? Nesta pequenina fatia do tempo, encontrava oportunidade para beijá-la, acariciála, e por vezes brigar com a mocinha loura. Tornara-se caprichoso, irascivel, tirano mesmo... Mas tudo sómente em imaginação. Na realidade era apenas aquilo:

— Bom dia.

— Bom dia.

Uma vez mesmo, passara violentamente pela "vitrine" sem parar. Estava zangado porque no dia anterior a vira resfriada. Certamente saira pela chuva sem levar agasalho!

Já no dia seguinte, perdoara tudo. E voltou:

— Bom dia.

— Bom dia.

o o o

Uma vez... (como essas cousas são tristes!) soube que a mocinha loura estava para se casar.

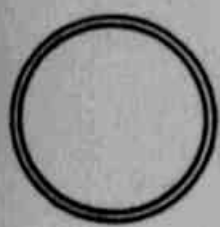
Será necessario descrever a onda amarga de ressentimento que se desdobrou, como numa explosão, dentro dos cincoenta e dois quilos de seu corpo franzino?

Para que? Basta a sua humilhação... E o desprezo que desde êsse momento votou á sua ignobil covardia.

Sim — porque se fosse outro homem, êle a teria matado, para vingar o ultraje de sua honra traida... Se fosse outro homem... Mas êle a amava ainda — apesar de tudo!

PERNAMBUCO DAS ANQUINHAS E DAS MAXAMBOMBAS

OS CINEMAS E AS PEQUENAS DO MEU TEMPO

POR MARIO SETTE

OS cinemas e as pequenas do meu tempo. Fita romantica. Projeção antiga.

Talvez não gostem dela certas cabeças que foram moças tambem nessa época e hoje em dia se mostram ainda pretinhas, lustrosas, juvenis. Elas se esqueceram de encanecer. Natural! Ha tanta falta de memoria presentemente: o jazzbanismo em tudo faz o sistema nervoso cambalear. Olvidamos depressa o que dissemos, o que pensámos, o que fizemos na vespera, que dirá dos deveres impostos por mais de 40 anos vividos... Hein? Alem disso, se os modos de ver, de parecer, se subordinam tanto e tanto ás exigencias do momento, não irá mal nenhum em se aparentar um resto de mocidade quando a velhice vem perto... Daí, o torcer-se o nariz, enfadado, fingir-se sono, ao ouvir-se falar, já não digo nas anquinhas nem na guerra do Paraguai, que na verdade não testemunhámos, mas no bondezinho de burros, no balão do José da Luz, puxadinho até no Zeppelin...

O passado é comprometedor... Depois, recorda uma divida para com êle, e as dividas são sempre importunas. Tendo-se o avião, por que falar na maxambomba? Sacudamos pedras na antiga condução para os arrabaldes... O gesto é perfeitamente humano. Não serve mais? Petécas nela. Comida a fruta, devolvemos os caroços. Já antigamente havia uns versinhos:

Trepei na bomba
Comi pitomba
Sacudi os caroços
Na maxambomba...

Se era assim outróra, quando não se "voava"...

Quem por aí se lembrará do cinema mudo? Parece que todos nasceram em pleno exito do movietone. Não foi?

E, ao falar nêle, certamente o cronista tomará os ares do professor Jorge Cahú ao explicar o ponto da guerra do Peloponeso ou o do Regime Feudal.

Mas, falemos, *malgré tout*.

Das invenções do seculo XIX foi a que caíu mais no gôto da gente do seculo XX. Um trabalhou para o outro fazer figura. Não é assim, quasi sempre na vida? O norte-americano, no entanto, confessemos, soube fazer da tela com uma impecabilidade tecnica, aula vivaz, sugestiva, atraente, de alegria, de juventude, de reboliço, de vibração, de... amor. Na atualidade, Ramon Novarro, Charles King, John Gilbert, Maurice Chevalier, sem precisar de nenhuma reforma do ensino, passaram a ser respeitados professores de atitudes, de trajos, de costumes, de expansões, de divorcios... Da outra banda, Annita Page, Betty Compson, Greta Garbo, Bessie Lowe, Sue Caroll, acendem as paixões platonicas dos rapazes sem chapéus e calças bocas de jacaré, num "faz de conta", como admiravelmente denominou Samuel Campello.

De tal maneira se integralizou o cinema com a vida atual que figura nos orçamentos domesticos ao lado do padeiro, do alfaiate, do cobrador da Tramways... Com uma predominancia: não faz fiado. Nem atrasos nem calótes. Os bilheteiros do Parque, do Encruzilhada, do Real são insensiveis a desculpas de crise: pedem o dinheiro na frente. Se não... os olhos ficam privados de mirar aquelas *girls* inimigas dos vestidos, e os ouvidos não se deleitarão com os fóxes atiçadores das pernas. E... as platéas se enchem. "Mata-se" até a conta da farmacia.

Como se chegou a essa jazzbanização do cinema? — indaga o nosso historiador Mario Mello. Coçamos a cabeça para explicá-lo. Mario Mello é exigente. Sem sermos titulados em historia, só ha um recursozinho: — meter o balde na cacimba da memoria e abrir os nossos "velhos jornais" para copiar... o que tantos outros diriam de improviso e com brilho, se quisessem...

O pai do cinema foi o Cosmorama. Os nossos vóvós iam espiá-lo por uns orificiozinhos abertos num tabique forrado a chita japonesa. Extasiados, apreciavam lindas e coloridas vistas da Suissa, da Italia, do Egipto, de Paris... Sobretudo, de Paris. Naquêles tempos tudo de bom, de sedutor, de bonito, vinha da capital da França. As modas, as sêdas, os meninos, os costureiros, as cançonetistas, e tambem o "verde" com que se pintavam as casas e se suicidavam os namorados infelizes...

Fez tanto sucesso o Cosmorama que os anuncios apareceram em versos:

As vistas do panorama
Assim bonitas como são;
Tanto servem para passatempo
Como tambem de instrução.

Porém, os insatisfeitos de todas as épocas, já reclamavam:

— Eu queria era ver aquilo se mexer

Mexeu-se mesmo. Hoje, com as fitas musicadas, mexe-se e remexe-se. As primeiras vistas animadas surdiram na rua da Imperatriz. O animatografo. Nome comprido e feio como um homem de bigode, de fraque e de chapéu de côco. Eu andava de calças curtas. Fui ver. Uma sala meio escura, meio misteriosa. Tive meus receios; lembrei-me de que, em casa, minha avó, adversaria dos modernismos, excomungara logo a invenção das figuras buliçosas:

— Artes do capêta! Não eu que veja êsse pecado. Olhem os castigos de Nosso Senhor!

A verdade, no entanto, é que os recifenses arriscaram-se e foram admirar na tela um trecho movimentado de rua, um trem que corria, corria e vinha crescendo para a platéa, uma bailarina a pinicar o chão com os bicos dos pés... Surpreendente! Então, a dansarina!... Naquêles tempos uma bailarina oferecia o único meio honesto de se conhecer a qualidade das meias usadas pelas mulheres alheias...

— Não têm mais o que inventar, não, minha gente! Seria a frase de todos, na saída.

Cinema suco do meu tempo, foi, porém, o Hervé. No Santa Isabel. Cousa de 1902 para 3. Temporada formidavel. Bondes e trens para todas as linhas depois do espectaculo... O velho Mafra suado de vender ingressos. Eu e o meu querido amigo José Raul de Moraes ajudámos bastante a empresa. Iamos para o camarote da policia todas as noites. Você aí no Rio, se lembra disso, Raul? E as pequenas, hein? Lindas mesmo. Se não fossem as mamães vigi-

lantes e os papais de bengalas... Tempão! O teatro florido. Orquestra do Romeu Dionesi tocando a valsa *Fingida*, de Nuno Guedes. Rapazes fardados da Guarna Nacional. Coiós sem sorte... Outros, de sorte, apanhando um sorriso, oferecendo uma flor, arriscando uma frasezinha... E, lá do paraiso, um estudante gritava:

— Negrada, oie êle!...

Gosado!... José Lucio Ferreira... Adelmar Tavares... Manuelzinho Fernandes... Oscar Amorim... estão comovidos...

O Hervé dava programas de muitas fitas porque fossem de poucos metros: — A lenda das Borboletas (colorida) — O ultimo dia de um condenado (dramatica) — Santos Dumont dando a volta da torre Eiffel (natural) — O Jardineiro caipora (comica). Houve uma pelicula repetida a pedido: As Maxixeiras.

— Indecente! — protestava uma senhora, num camarote, virando a cara, rebitando o nariz, por ver o marido de binoculo em punho.

A indecencia não passava do tango que se dansa hoje nos salões elegantes. Ilusão de otica moral...

Sómente em 1909 tivemos o cinema permanente, por sessões. Na rua Nova, o Pathé. Luxuoso, agradavel, convidativo. Concurrencia assombrosa. Esperava-se vaga na calçada. Os pessimistas, como varejeiras, zumbiam:

— Aquilo não dura 2 meses..

— 2!! Nem um!... Fogo de palha.

— Recife tem lá gente para ver vistas animadas todos os dias!

Abria-se meses depois o Royal. Em seguida o Vitória. Todos os três juntos. Assanhou-se o péga dos programas quilometricos: um prometia 10 fitas; o outro, 15. Um, 20, o outro, 25. Entrava-se no cinema ás 6 horas, saía-se ás 11. Um meu amigo passou por imenso vexame conjugal, chega a casa depois de meia-noite, fóra do costume. A mulher cresce de ciumes, de raiva, de suspeita... Recriminações, zanga, lagrimas que só se transformaram em ternuras quando o marido se explicou: estivera no cinema; vira 32 fitas.

Que saudades!... Films da Cines, da Gaumont, do Ambrosio, da Eclair, da Nordisk. Italianas, francesas, dinamarquesas. O norte-americano ainda não dera um pio que prestasse. Pio que sempre prestou é o Fernando, meu companheiro na maxambomba. As "estrelas" e os "astros" do *écran* eram a Gabriella Robini, a Lida Borelli, a Francesca Bertini, o Gustavo Serena, a Asta Nielsen, o Bigodinho, o Krauss, o Maciste, o Deed, o Max Linder, o Waldemar Psilander...

Psilander, — façam continencia as "viuvas" de Rodolpho Valentino — Psilander foi o proto-propagandista dos beijos D... O... X... Quero dizer: dêsses beijos que, onde pousam, demoram. Precisa-se de uma ampulheta para contar-lhes a duração. Era danado na arte o galã dinamarquês. Vai, não vai, tome beijóca. A platéa esperava paciente o fim. Ninguem mais acreditou nos gelos escandinavos; nem o professor Dacio Rabello com sua religiosidade pela geografia. E o mestre explicava: "naquelas regiões o que ha muito são *geysers*. Se a cousa se passa dessa forma em Copenhague, que diremos da Groenlandia!

Quadros suntuosos, emotivos, passionais, alegres que passaram deante dos olhos das nossas pequenas: Quo Vadis, O Garoto de Paris, Cleopatra, A Filha do Faroleiro, Germinal, O Pequeno Jacques, Miseraveis, Atlantis, Ultimos dias de Pompéa, Sangue de Boemio, Odette...

As nossas pequenas!

Quantas estremecerão ao ouvir êsse evocar de uma época distante. Uma rosa, um retrato, um postal, uma carta em papel rendilhado... voltam á memoria. Sorriem no sossego do lar, tomando conta das filhas que namoram no jardim ou dos netos que brincam no terraço. Como se se mirassem num espelho retrospectivo, evocam, recordam...

Uma noite no Pathé... Gente muita... Tocavam lá dentro o *pas de quatre* "Caminho do Céu". Ela fôra com um vestido feito pelas Carmélas. Figurino escolhido no último número da "Rainha da Moda" Blusa de fantasia, gola de fita bem alta, gravatinha com ponteiras de metal, mangas meio-braço com muita roda, saia esguia, comprida, tapando os sapatinhos de fivelas, *mitaines* de fio de Escocia, reloginho de ouro preso a um bróche no peito, cintura de hastil, zita repuxando-a para frente... O chapéu era um de palha de Italia, grande, desabado, com uma pluma vermelha, encimando o penteado de cachos, laborioso trabalho dos papelótes desde a vespera.

Altiva, graciosa, provocadora descera do bonde de Magdalena, na rua Nova Julgava-se digna de um belo soneto. E mereceu-o mesmo: daquêle academico de direito que a esperava á porta do Café Ruy, de jaquetão azul, de lapelas de sêda, cortado pelo Melichereck; colarinho á Santos Dumont, oito centimentros de altura; meia cartola; bengala de junco; sapatões Walk-over, bigodezinho de pontas frisadas... Êle deu-lhe o soneto e depois o nome.

O poeta hoje ouvia o P. R. A. P., ao seu lado, numa poltrona de couro, cara rapada, meio calvo, metido num pijama de riscas...

As nossas pequenas... As da rua do Hospicio, as do Largo de Santa Cruz, as da rua Velha, as de São Gonçalo, as do Caminho Novo... Tantas!... A' noite, cada janela tinha a sua sentinela. Avistavam-se de longe os vultos dos "guardas" e as fitinhas nos cabelos em trança das "coiós"... Palavrinhas, sussurros, suspiros, arengas, por vezes mesmo uma imitaçãozinha do Psilander... — Onda-curta... Até que o "velho" chegava do plantão na farmacia, ou, de lá de dentro, mandava fechar a porta da rua. O apaixondo desatracava e ia por ali afóra, disfarçando, mexendo a bengala, assoviando, debaixo do olhar malicioso da vizinhança...

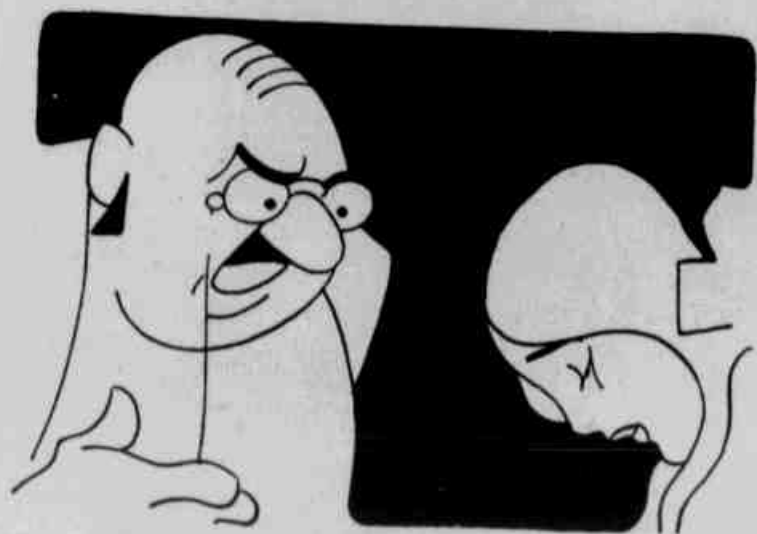
Quantos dêsses namorados de 25 anos passados encontramos hoje nesta Recife irrequieta dos Latés, dos Telefunkens, das datilografas, das caixeirinhas, das normalistas... Os "contactos" agora de olhos, de mãos, de falas são a sós, nos bondes, nas esquinas, nos postes... No nosso tempo a cousa era mais apertada.

Ao cruzarmos com êsses colegas de dantes, conferimos as nossas caras quarentonas, os nossos cabelos grisalhos, a nossa calva em progresso. Entram no Parque, sáem do Moderno. Cinemas mudados, cinemas de *talkies*, *girls*, nus artisticos, beijos-goma arabica... Muitos dêles trazem as esposas pelos braços e algumas delas não são as mesmas "coiós" das conversas de antigamente na rua do Aragão ou no beco do Véras.

Que foi isso? Deu o "córte" na pequena? Levou forquilha dela?

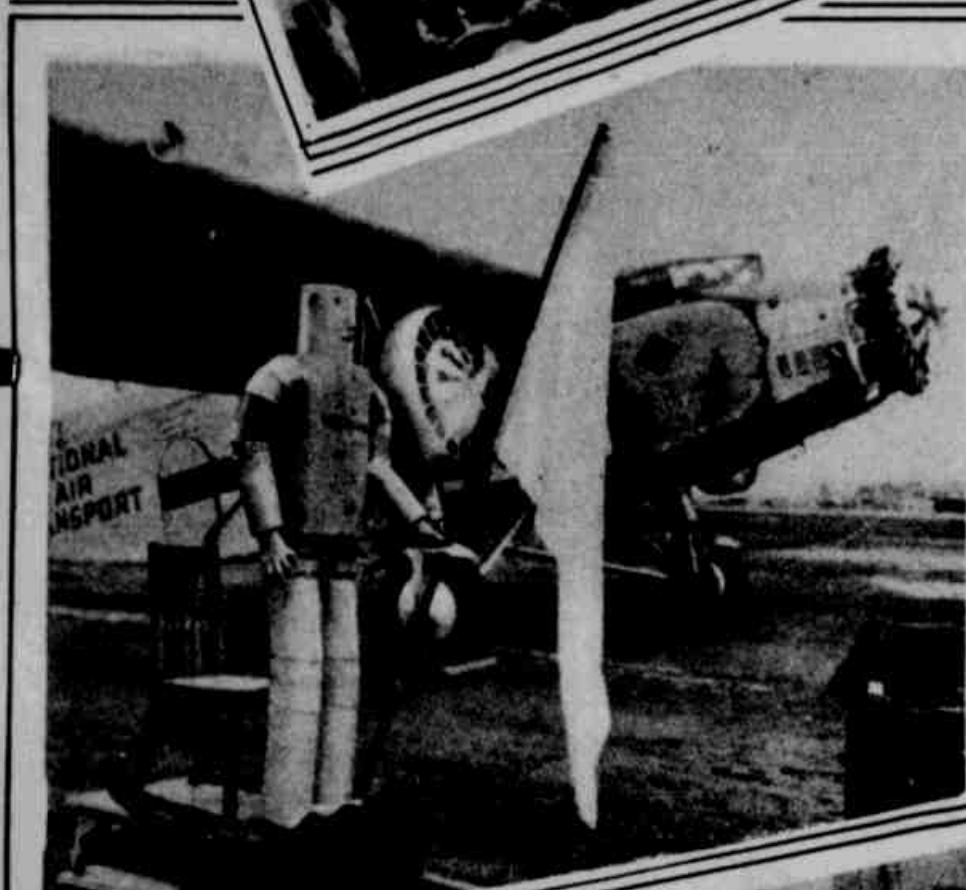
Sosseguem... Ouçam o seu radiozinho tranquilos. Não lhes direi absolutamente os nomes. Ainda sou o mesmo camarada de dantes.

Guardemos, dentro de nós mesmos, a lembrança dessas pequenas, as pequenas dos cinemas de nosso tempo. Das que nos torceram os cotovelos, das que ficaram titias, das que vieram dar-nos nos lares um bocado bom de alegria, de afeto e de conforto no envelhecer.

Aquelas a quem chamavamos romanticamente de "ANJO DOS MEUS SONHOS" e de "DEUSA DOS CABELOS SOLTOS" com o mesmo apaixonamento e ternura com que hoje os nossos rapazes chamam as suas preferidas, futuristicamente, de "MINHA GAROTINHA SUCO" ou "MINHA COISINHA DOIDA"...

O HOMEM ARTIFICIAL

ROBOT EM CENA

ROBOT FAZ UM DISCURSO

ROBOT GRATO AOS APLAUSOS

ROBOT AVIADOR

ROBOT RECEBE A VISITA DE UMA FEMINISTA

NASCEU EM PRAGA, CAPITAL DA TCHECOSLOVAQUIA. COMEÇOU NO TEATRO, CONTINUOU NA VIDA, QUEM SABE ONDE IRA' ACABAR! E' POR EMQUANTO UMA DAS PERSONALIDADES MAIS IMPORTANTES DE NEW YORK.

D I D I   C A I L L E T

Ela diz que é do Paraná. Já foi até Miss Paraná. Quando fala, parece mesmo que é. Mas, perto de Didi, ninguem pensa em geografia. Didi é do mundo, da vida, disto tudo. Começou declamando. Agora escreve E escreve assim:

„Festa em funeral", um triste-lindo poema de Zolachio Diniz

Zolachio Diniz,

a sua "plaquette" "FESTA EM FUNERAL", é um triste-lindo poema de saudade!

E' uma recordação dorida da creaturinha que, numa manhã nevoenta de Junho, surgiu entre arminhos e plumas, viveu entre sorrisos e perfumes e, qual "edelweiss" delicado, feneceu com o primeiro calor do verão!

"FESTA EM FUNERAL" é a dor, a angustia, a melancolia, que a saudade branda e perpétua fez brotar dum coração maguado que perdeu o seu tesouro, a sua alegria, o seu encantamento!

— Bendita dor, porém, que arrebenta em arte — lagrimas que são perolas...

DIDI CAILLET

Pedaços de conversa

Forain, que morreu esses dias, estava num salão onde se falava da amizade. Nos salões sempre se fala nos ausentes. Perguntaram a Forain o que é que êle pensava da amizade. Êle respondeu:

— Só o homem tem amigos. A mulher tem apenas cumplices...

■

O governo vai mandar trinta mil sacas de café para os flagelados do Norte. Para que? Êles não têm agua!

■

As mulheres feias são terriveis. As bonitas tambem.

■

Deixe que se riam de você. E' o sinal da sua diferença Ninguem se ri deante do espelho.

■

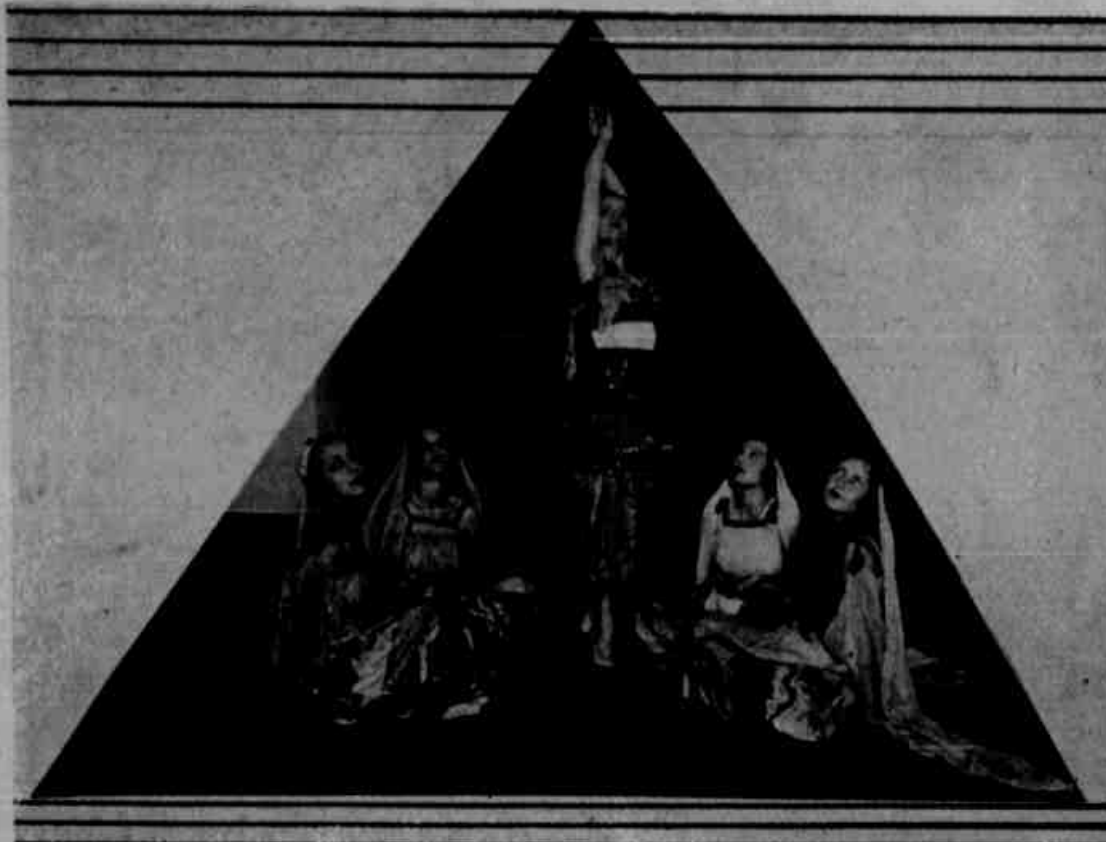
Quando a gente fala a verdade, dá sempre a impressão de que não está falando sério.

■

No tempo do meu avô, um homem bom era um "santo varão", todos o amavam e respeitavam. No tempo dos meus filhos, um homem bom é "sopa", é "canja", é "arara", é "trouxa", é "besta", todos o exploram e desprezam. Como será no tempo dos meus netos?...

SAMUEL TRISTÃO

Paulo Torres que acaba de publicar um livro de verdade: "Poemas Proletarios".

Lauro Moutinho, escritor que a gente admira, homem que a gente quer bem. Fez anos no dia 18

Mais um lindo programa organizado por Véra Grabinska e Pierre Michailowsky, no salão Nicolas. Houve cinema, dansa, canto, musica, poesia. Artistas grandes e pequenos. Cecilia Meirelles, Véra, Pierre, Corrêa Dias, Fritz, J. Octaviano, Elfrida Bastos, Gylsa de Castro, Mathilde Galeno, Elisa Sobral Gonçalves, Dóra Taveira, Hébe Nogueira, Véra Teykal, Luna Galeno,

Festa da Criança

Arlette Gonçalves, Mathilde e Elvira Corrêa Dias, Sylvette Freitas, Véra Cruzeiro, Elena Moutinho, Oriette Marcenaro, Lucy Cascardo, Lea Tavares, Branca Cascardo Vianna, Dilma Côrtes, Elsa Porter, Lygia de Castro Magalhães, Etelvina Rosa, Laura Assis, Nylza Rocha e Marilia do Rego Macedo.

As dansas no Brasil antigo

Senhorita Eros Volusia que dansou.

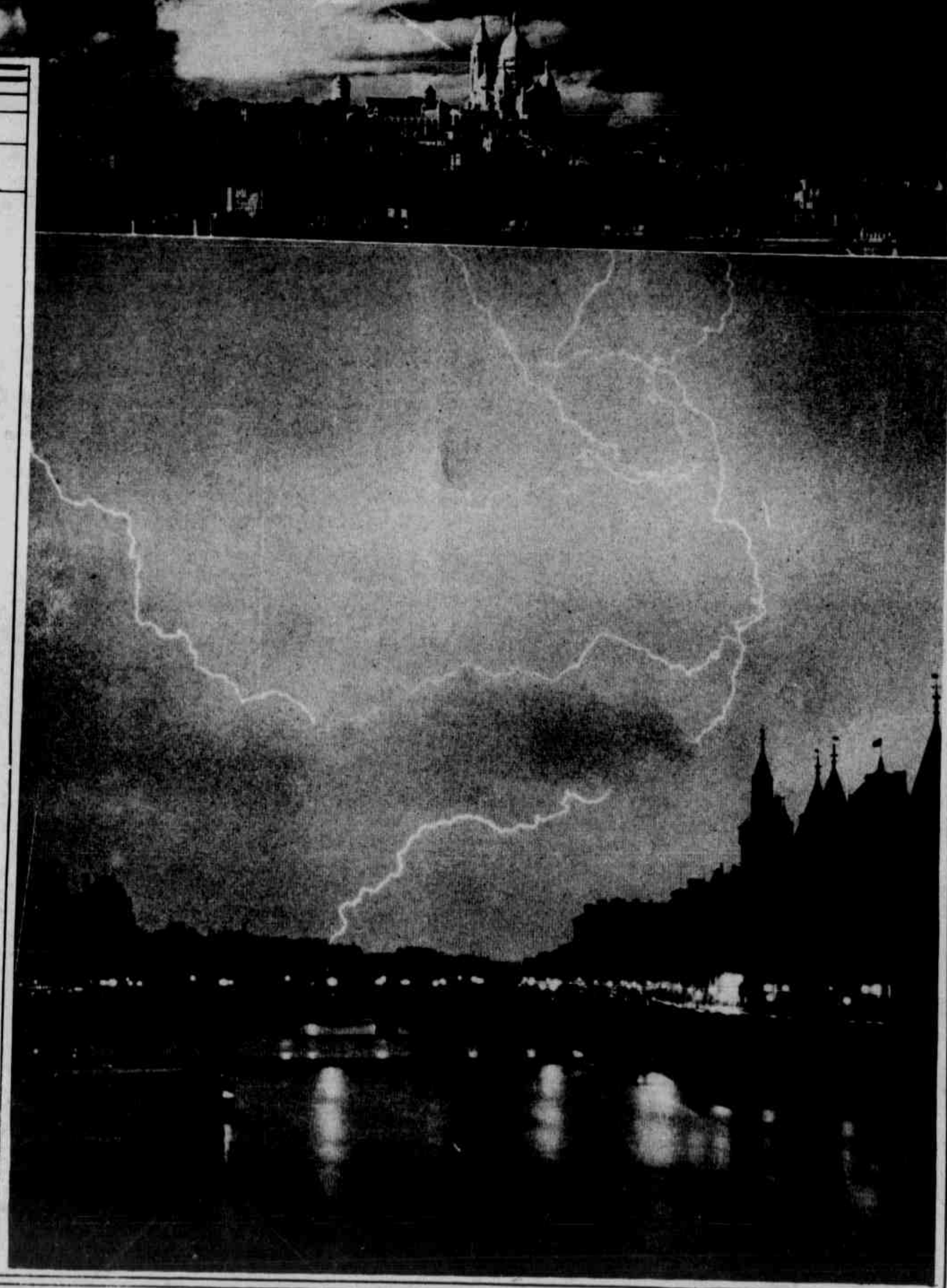
Luiz Edmundo que fez a conferencia, na Escola de Belas Artes.

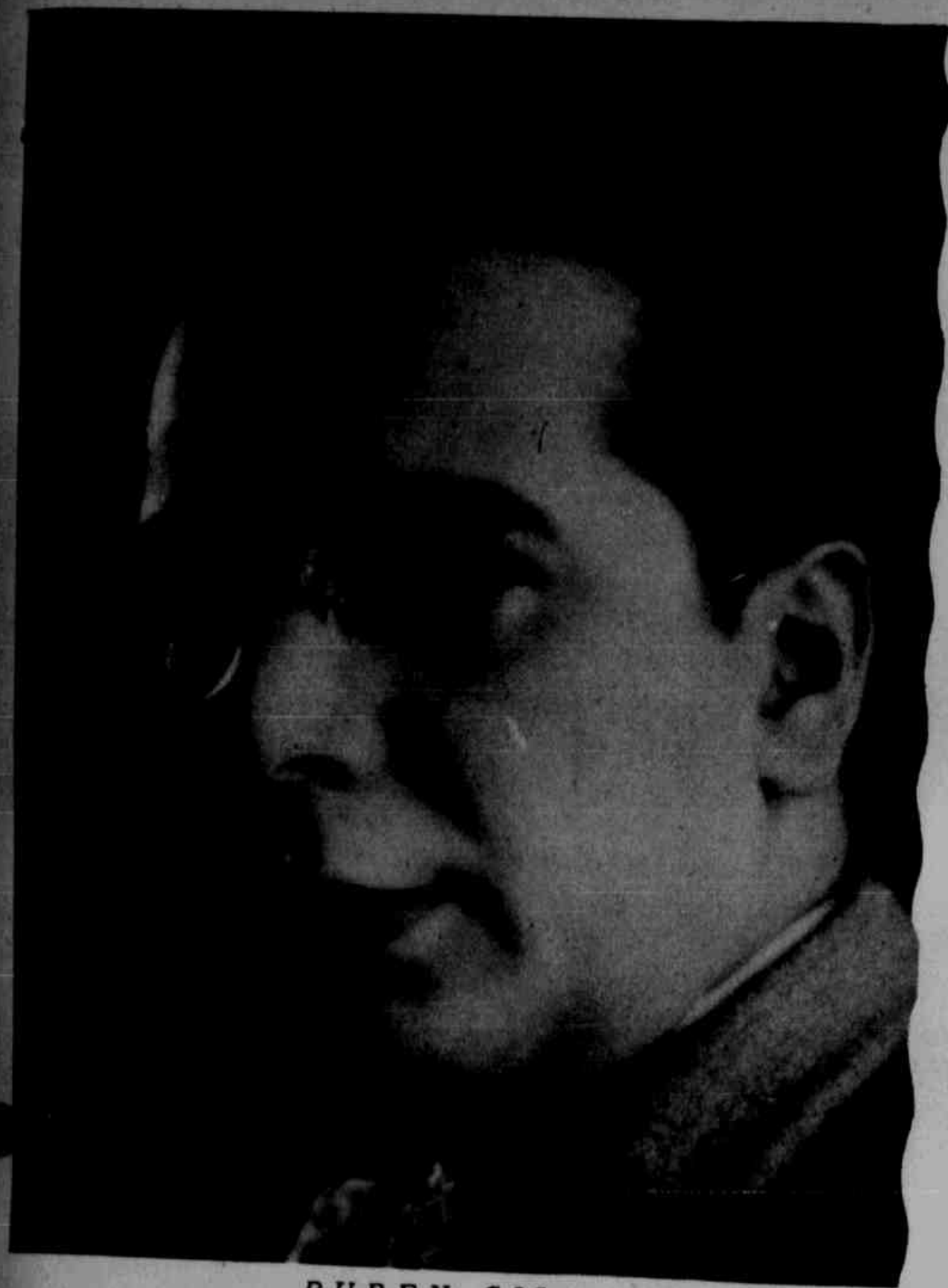
Senhorita Jacy Lobato que organizou a parte musical.

PIOLIN

o nosso grande palhaço nacional.

(Desenho de Reis Junior)

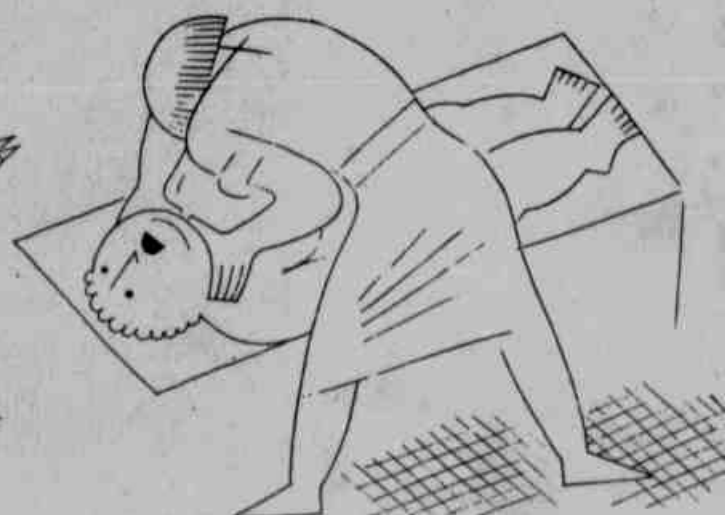
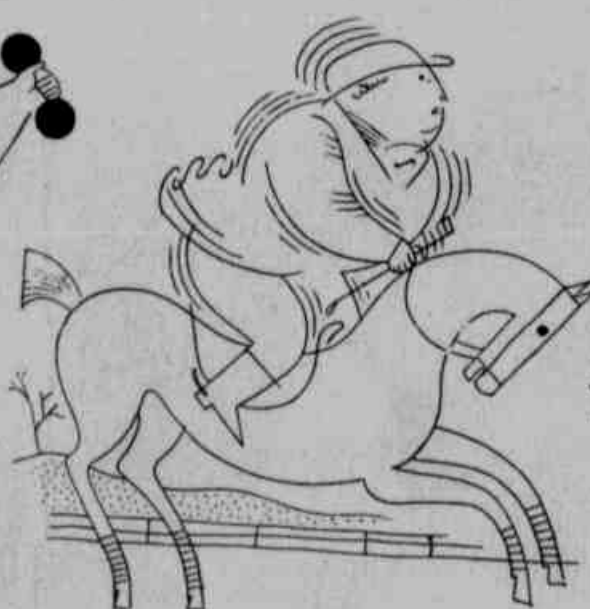
Uma tarde de temporal em Paris

EM CIMA: AS NUVENS ACUMULADAS SOBRE MONTMARTRE.

Em baixo um raio caindo perto de Notre Dame

RUBEN GIL
Secretario da Companhia Jaime Costa que vái fazer uma tentativa de teatro nacional

VAMOS para

(Continuação)

Quando êle voltou um dia da trincheira, papai e mamãe tinham sido mortos por uma granada. E a noiva dêle tinha fugido com um sargento americano. Talvez agora você tenha a curiosidade de saber por que é que depois disso eu me encontro nêste hotel... Dê-me um cigarro... (Fuma) Que é que poderia fazer uma menina de 12 anos, assim sózinha no mundo, depois de tanta tragedia? Eu me lembro que fiquei chorando um dia inteiro, sem coragem de fazer nada. Mas no outro dia apareceu uma irmã de caridade. Vinha me buscar para um convento por ordem do meu irmão. E aos 20 anos eu ia ser freira. Ia fazer um juramento. Mas a idéa do juramento revoltava-me. Eu não podia jurar, porque a tragedia que eu vira aos 12 anos não se apagava da minha memória, e eu queria me vingar. A solidão do claustro aumentava dia a dia a minha tristeza. E eu sentia que não podia sofrer mais... O resto você compreenderá... E no dia em que as irmãs de caridade me esperavam para o juramento, abriam-se para mim em Paris as portas do "Moulin Rouge"... Recordo-me bem; tão bem... Era um quadro de nú artistico... Todos os binoculos assestavam-se contra a frescura da minha carne virgem... E eu sentia, não sei por que, uma sensação estranha... Depois...

Moacyr

Um romance...

Lisette

Tantos romances!...

Moacyr

Felicidade?

Lisette

A's vezes...

Moacyr

Agora, por exemplo?

Lisette

Podia ser muito mais feliz do que sou...

Moacyr

E por que não é.

Lisette

Por que me falta qualquer coisa... Uma intimidade que me faça pensar, um motivo que me faça perguntar, como a Margarida do "Fausto", desfolhando uma flôr: "Gostará muito de mim? Não gostará? Gostará?...

Moacyr

(Querendo tocar-lhe na mão) E por que não pensa? por que não pergunta?

Lisette

Porque eu ainda não consegui o milagre de poder ver o coração dos homens por dentro...

Moacyr

(Metendo instintivamente a mão no bolso e tirando uma caixa muito elegante) Uma lembrança minha para você...

Lisette

Bombons? Como voce sabe que eu sou gulosa?

Moacyr

Por adivinhação. E sabe que são preciosos? Comprei-os a bordo de um vapor inglês...

Lisette

(Pondo a caixa sôbre um logar qualquer) Daqui a pouco vou devorá-los todos para me lembrar de você... (O telefone toca) Alô! Alô! E' Lisette, sim... Estou... Ora, meu amor... Sózinha, naturalmente... Muito bem: espero... (Desliga)

Moacyr

Algum amigo?

Lisette

Infelizmente, é o meu amigo...

Moacyr

Vai chegar agora?

Lisette

Nêste momento...

Moacyr

Acha que eu devo ir embora?

Lisette

Pelo menos parece prudente...

Moacyr

(Que parecia estar num 7. céu) Que pena!

Lisette

Não se zangue por isto... A vida não é como a gente quer que ela seja... (Dando-lhe o chapéu) Até...

Moacyr

...quando?

Lisette

Quando você quizer...

Moacyr

Então... até logo...

Lisette

Até logo... (e Moacyr sái, olhando com carinho para os bombons que ficaram sôbre a mesa)

CENA XVIII

LISETTE, depois o CORONEL

(Lisette acende um outro cigarro e depois sái por uma das portas internas do apartamento. A seguir entra o Coronel, sem tirar o chapéu. Vê os bombons. Experimenta um. Demonstra que gostou. Come outro. Reaparece Lisette.)

Coronel

Sim senhora! Que lindo pijama! E' em homenagem dêste seu criado?

Lisette

Naturalmente, meu amor...

Dona Lulú faz tudo que é indicado para emagrecer.

Desenhos de

O AMOR

PEÇA EM 7 QUADROS DE BRASIL GERSON

Coronel

Aqui parece que esteve alguem... Como se explicam êstes bonbons?

Lisette

Esteve, sim, um rapaz. Trouxe-me êstes bonbons...

Coronel

Hein?

Lisette

Um empregado de uma "bonboneière", que me veio oferecer esta nova marca de bonbons ingleses...

Coronel

Ahn... Isto é outra coisa...

Lisette

(Oferecendo-lhe um bonbon) Come... Não são uma maravilha?

Coronel

Não tanto como você, meu "bonbon" perigozinho... (e come um bonbon)

O homem que fala sózinho

(Que está na platéa, sem ser visto) Mas quanta gente, na vida, tambem não leva bonbons para os outros comerem...

PANO.

Fim do primeiro ato

QUARTO QUADRO

(Um café de *bas-fond*, á noite. Penumbra rubra. Uma mesa ao centro com algumas cadeiras)

CENA XIX

OLHO DE GATO, O MALANDRO

Olho de Gato

(Está sentada, serzindo um pé de meia. E' uma mulher de 50 anos. Canta um estribilho qualquer)

O Malandro

(Entrando. Tipo de *caften* de zona baixa) Bôa noite. Olho de Gato! Arranje-me qualquer coisa para aquecer os ossos...

Olho de Gato

(Levantando-se para servi-lo) E o trabalho como foi?

O Malandro

Choveu muito na hora de agir. Ficou para amanhã. Dizem que o homem tem 30 contos no cofre...

Olho de Gato

Bôas falas... Quer dizer que vocês estão quasi arranjados...

O Malandro

E já não é sem tempo, Olho de Gato...

Olho de Gato

E a pequena?

O Malandro

Anda com histórias... Um sujeito falou-lhe em automovel, joias, apartamentos... Eu já recomendei: "Cuidado, menina... cuidado..."

CENA XX

Os mesmos e MOACYR

Moacyr

Bôa noite! Dão licença?

O Malandro

(Fitando-o com certa desconfiança) Bôa noite...

Olho de Gato

Bebe alguma coisa?

Moacyr

Absinto...

Olho de Gato

Não temos disso em casa. E' muito dificil...

Moacyr

Então um conhaque...

Olho de Gato

(Ao argentino) Você tambem quer?

O Malandro

E' claro...

Olho de Gato

Ah! esquecia-me: apresento-lhe o Malandro. Tem uns ares assim meio sinistros, mas é um "cara" distinto, de confiança...

Moacyr

Muito prazer...

O Malandro

Igualmente... Passeando, não?

Moacyr

Colhendo impressões...

O Malandro

(Examinando Moacyr) Ahn!... (Cospe para o lado) Impressões...

Moacyr

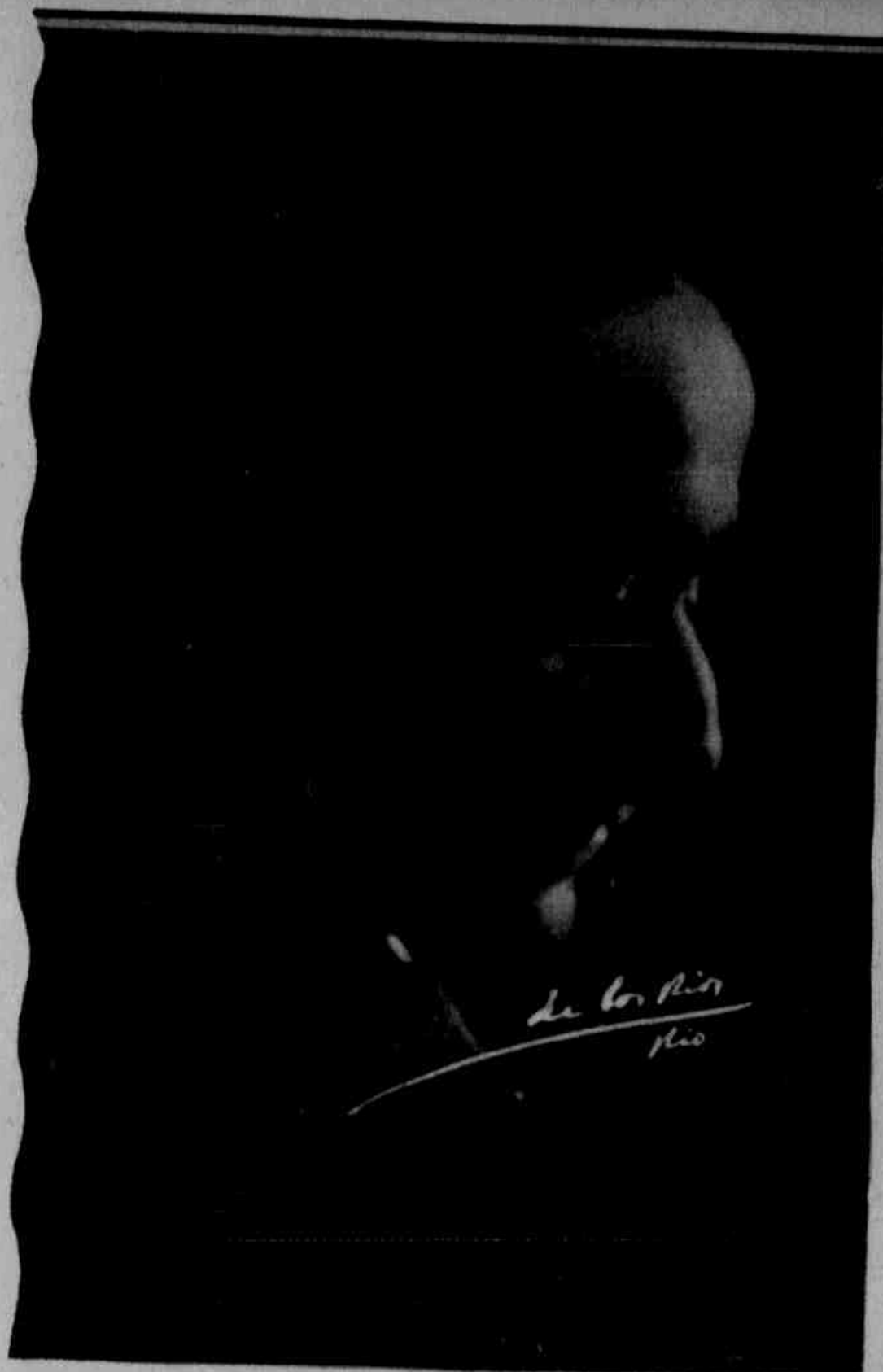
Negócios de mulher...

O Malandro

Não é negócio muito agradavel, não. Alguma infelicidade?

Moacyr

Infelicidade, positivamente não...

(Continúa no proximo número).

ALBERTO QUEIROZ

Diretor intelectual da temporada de comédia brasileira do Teatro João Caetano

Mas na hora das comidas não quer saber de regimens

Covarrubias.

LEWIS AYRES

TELMA TOOD

E

MARY CARLYLE

Tempo bom de fazer anos...

Joyce e Wanda, gemeas, filhas do casal Hugo Frederico Millar, tiveram no dia 14 a sua primeira festa de anniversario.

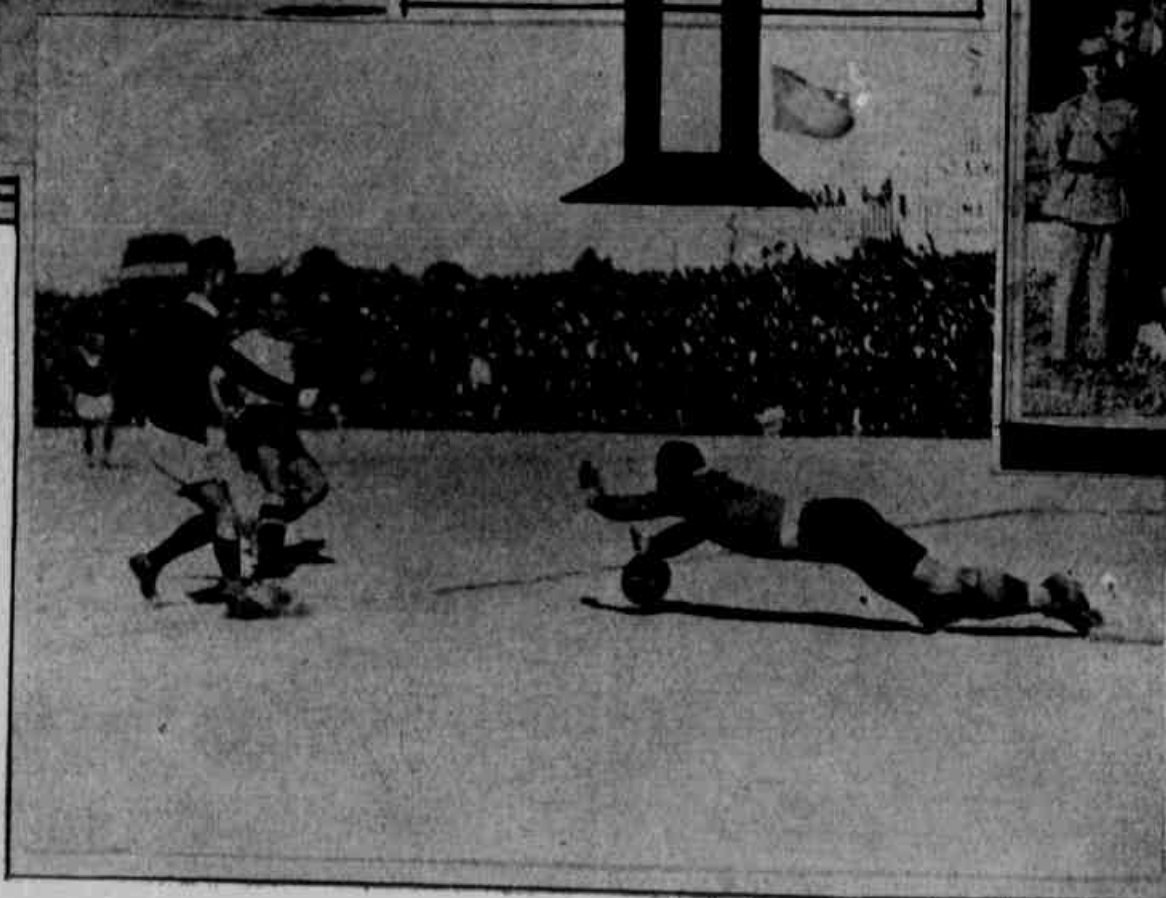
Poupée

Si bemol dentro da gente. Soluço de criança que desperta com o sol, para as alegrias de um dia luminoso e causticante. Menina e moça. Triste como o crepusculo. Meiguice em todo o olhar. Caricias suaves no sorriso. Beijos leves passeiam por sua boca... beijos de uma volupia requintada, mas toda cheia de civilização. Sonhos pelos cabelos negros, em torno dos braços, nas mãos finas e macias... todo o seu corpo está velado de sonhos, de grandes sonhos de amor... Poupée! Um lago muito azul e cheio de sombras, impenetravel, cheio de uma porção desegredos... Poupée! Anda pela atmosfera das interrogações. Ignora muito, muito... até que tem um coração...

No Gremio Paraense, dia 15. Durante a festa que reuniu a colonia. Ao centro, o comandante R. da Gama e Silva.

— "Poupée!... O sol está alto. Enxugue suas lagrimas nêste infinito panorama de ouro! Escute os sons barbaros da Vida, dentro de seu coração, e danse o maxixe do Amor ao compasso selvagem do Desejo! Gargalhe para esta manhã radiosa, que vem excitar seus nervos para a vibratilidade da Luta! Cante com a Natureza inteira, mas sem peias, livremente, altisonantemente, o hino supremo do Amor!... Poupée! Deixe cair o véu branco dos sonhos e venha sentir o calor tonificante da realidade!... Poupée! Seja um samba dengoso e malcreado dentro da gente... um samba em si bemol, curvilineo, dolente, embriagador, que faça para os sentidos uma festa abençoada, com visões de estrelas e cintilações de Felicidade!...

Job Freire

Em cima: depois da recepção na Camara Municipal do Porto, quando a embaixada do club da Cruz de Malta chegou á grande cidade de Portugal. Instantaneo do jogo na Povoa de Varzim: Bahianinho faz poeira, mas embrulha o valente poveiro, marcando o 9º goal.

Primeiro encontro no Porto; Siska, o famoso guarda redes engole uma bola de Russinho.

Junto ao Monumento do "Cego do Maio", na Povoa, portugueses e brasileiros posam para "Para todos...".

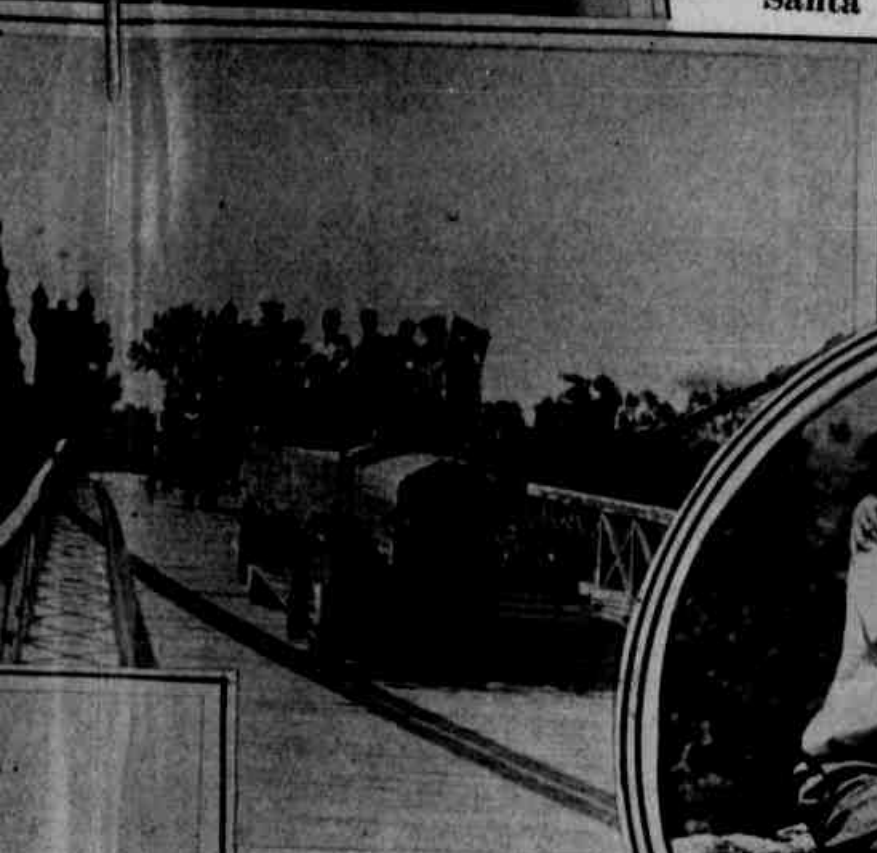
Em cima, ao centro: depois ... vend...

(Fotos Guilhe...

Santa Cruzada de Beneficencia, Porto

Em cima:

A escritora Dona Ivetta Ribeiro, na Associação dos Jornalistas.

A' esquerda, aqui: a caravana do Vasco em Braga, nas escadas do Bom Jesus. Em baixo: na Camara Municipal do Porto.

Na ponte da Tropa, a caminho de Braga

Russinho e um inglês

A' esquerda: na Povoa de Varzim: o dr. Armindo Graça fazendo entrega aos cruzmaltinos dum lindo galhardete, oferta dos clubes locais.

...ento do ... na Po... ...e brasi... ...a "Para

O presidente Raul de Campos com os seus rapazes, no Jameiro, a uma altitude de centenas de metros.

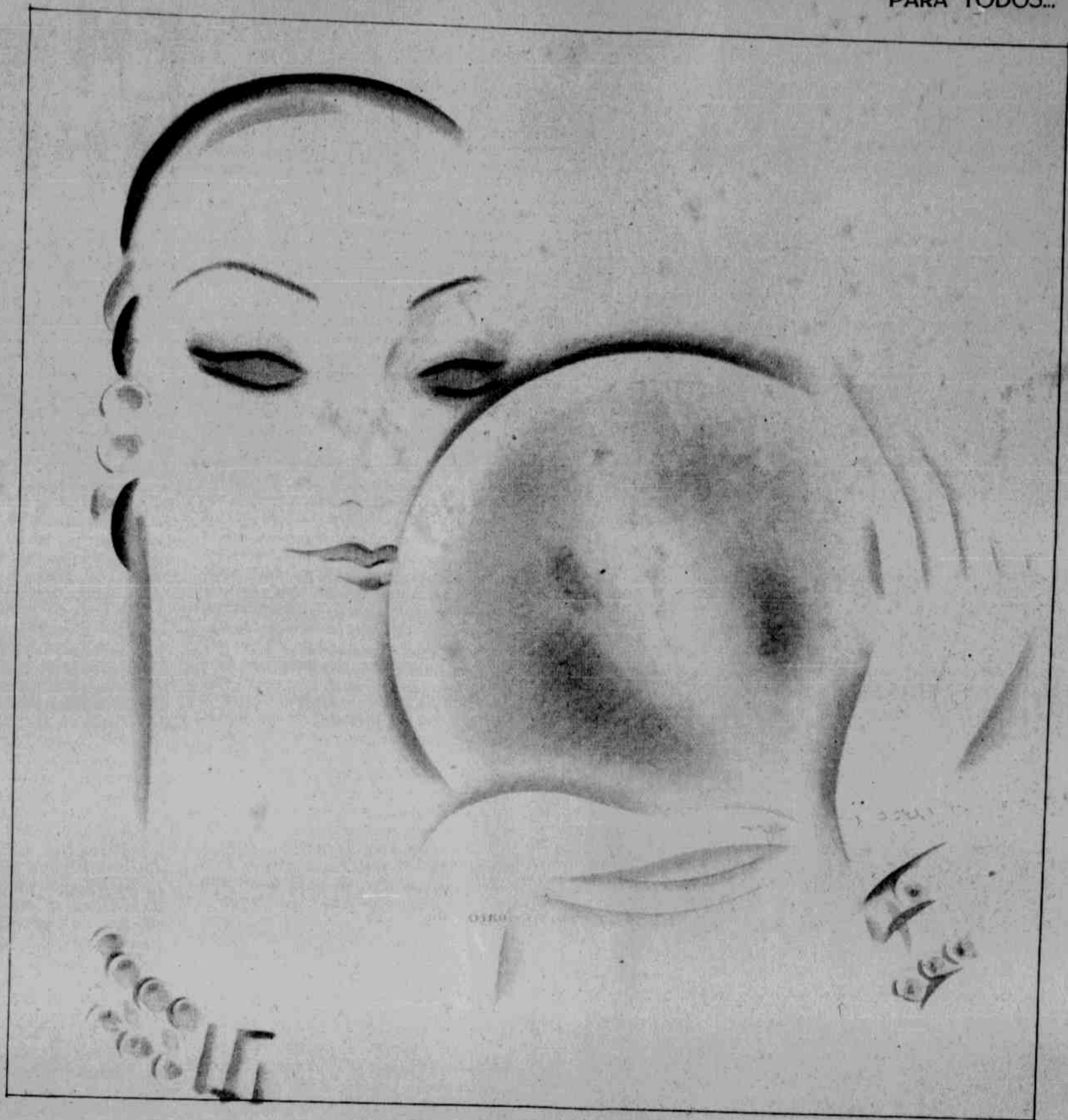
...ro: depois do almoço da Falperra: Bahianinho e um vendedor de laranjas.

(...tos Guilherme de Carvalho, Porto)

FOOT-BALL

Instantaneos do encontro dos Baianos com os Cariocas, domingo, no estadio do Fluminense. A vitória foi dos Cariocas por 6 X 0.

REGATAS

Aspéto da enseada de Botafogo, quando ia começar a festa anual da Federação do Remo, com a disputa dos campeonatos da cidade e das três classes de remadores.

LUCY

DE

ALVARO MOREYRA

EM geral as pessoas começam pelos olhos. São os olhos que se veem em primeiro logar.

Ela era diferente das outras pessoas. Não se sabia onde começava. Depois de conhece-la muito tempo, ninguem seria capaz de dizer o que vira antes naquéla mulher. O proprio nome soava ás avêssas, tal qual se usa na Italia e em diversos paises menos simples.

Tinha a cabeça castanha, as sobrancelhas pretas, as pestanas ruivas. Uma das mãos era quasi morena, a direita. A esquerda, branquissima. Os pés, pequenos, tão pequenos que os sapatos numero 27 sobravam. Gostava de joias com pedras misturadas.

Perto do tornozêlo, do lado em que a perna caía um pouco, trazia, si assim se póde chamar: uma pulseira, uma pulseira fininha prendendo uma medalha minuscula com as iniciaes J. N. R. J. Estas iniciaes não queriam dizer como na cruz: Jesus de Nazaré Rei dos Judeus. Queriam dizer: Je Ne Rigole Jamais. Mas rigolava sempre.

Foi-se embóra ha tres anos. Acabo de receber carta déla Está ha tres anos em Hollywood, indecisa. Não sabe se deve ou não deve ser artista de cinema.

Todo mundo lhe aconselha que não.

E é exatamente por isso que continúa indecisa...

Desenho de F. M.

Mundo todo

A policia inglêsa dispersando os indianos reunidos num comicio nacionalista.

Em baixo: Chris-Craf, de 125 CV., em plena velocidade no Cap-Naitin, disputando um "record".

Gandhi, o apostolo da Independencia da India, falando á multidão de Calcuttá.

Em baixo: o quimico austriaco Ferdinand Ringer com o "fosforo eterno", invenção dêle.

Os teosofistas tem um novo Messias. E' o que está em pé, na fotografia, entre Annie Besant e C. Jinarajada.

O "fosforo eterno" não é propriamente eterno, mas póde ser acesso e apagado seiscentas vezes

Danvila, primeiro embaixador da Republica Espanhóla em Paris.

Annabella, artista cinematografica, franceza, estrela nova.

EM BELEM

ACORDEI tarde, ergui-me de um salto, vesti-me ás pressas e fui ver que animação havia.

Ao chegar ao cáes, entrou-me pela alma uma rajada de entusiasmo. O vapor bizarramente armado em arco, apresentava risonho aspeto de festa. Moças em quantidade. Com seus vestidos leves, lá estavam, esparramando olhares aos rapazes, que, como travêssas crianças, andavam, — pula aqui, salta ali, — da terra para a prancha, da prancha para o tombadilho.

Assaltaram-me impetos de associar-me á caravana que partia em busca de lavados ares e aspetos novos. Não era mais possivel. O vapor começava a espanejar as grandes rodas e momentos após, ao som da musica e ao flutuar das bandeiras, lá se foi, rumo fóra, riscando nagua um largo sulco de espuma.

Lembrei-me então do outro, — o que seguia ás dez. A's nove e meia, — com receio de perder aquele regalorio, em boa intimidade, — já me achava munido do cartão que gentilmente me concedia o direito de partir e voltar. Sentia um bem estar extraordinario, lembrando-me do consolo que ia dar aos nervos atrofiados pela sensaboria da cidade e das boas e ineditas impressões que traria para recordar depois.

A manhã estava como se fosse de encomenda: convidativa e radiosa. Céu e rio serenos.

A bordo havia o mesmo bulicio, a mesma animação do outro. O riso franco casava-se com o ruidoso vozear dos passageiros. Na tolda, numa roda de endiabrados rapazes, fui encontrar o tipo azougado do *Zequinha Meio Kilo*. Um ratão rechonchudo, com cara de anjo a tocar trombeta. Batoque, — seis palmos e pico, jovial, trocista, especie de espanta tristezas, fazendo rir com sua grotesca figura e as réplicas sempre prontas, no afiado da lingua. Só êle deu sota e az e bom humor a todos.

— Você não cresceu, — dizia-lhe um dos tais, — mas isso não o deve apoquentar, pensando nas vantagens que póde auferir: — fura por toda a parte, gasta menos fazenda e, como é pequenino em tudo, faz grande economia.

— Cala essa boca, menino. Não gastes palavreado feio que aí vão senhoras, que, apesar de estarem a rir, são sérias. Não cresci no corpo, é verdade, mas vou crescendo na idade. Já vês pois, que o que falta de um lado, sobra do outro e no final, tirando a prova, dá certo. Vocês não cansam a lingua, mas eu de pé canso o preterito e vou procurar logar para o pôr a comodo.

— Que vem a ser isso de preterito, ó Zequinha?

— Muita atrasada está a instrução no nosso meio! Então o que é que vocês aprendem nessa fabrica de fazer bachareis se ainda ignoram a existencia de um sujeito que vive com a gramatica desde que ela se meteu a educar o mundo?

E tomando ares catedraticos, explicou:

— *Preterito* vem do latim, — *præteritus*, e é aplicado a tudo aquilo que fica atrás.

Original e unico, aquêle dez réis de gente!...

Daí a pouco, dentre os passageiros, partiu um ruidoso grito de alarma:

— Lá está Belem!

Foi uma algazarra doida. Correram de bombordo a estibordo, todos queriam ver, gosar a luz do vivo sol, a perspetiva do panorama que apresentava a nova freguezia, sentada á beira rio, sobre um vasto lençol de branca areia. Arcos, colunatas de folhagens, pospontadas de flores variadas, se estendiam em renque, ao longo da praia, dando realce á paisagem e encanto á vista. Crianças, moços, velhos, pretos e brancos, — uns cavalo, outros a pé, aproximavam-se do improvisado trapiche para a recepção dos que chegavam. Trocavam-se cumprimentos, saíam exclamações de surpresa e jubilo:

— Venham de lá êsses ossos...

— Ahi os tens.

— Não te esperava mais.

— A pequerrucha cá está...

Entre o rancho das meninas, borbulhava tambem a ansiedade. Curiosas, esticando o pescoço, espiavam para dentro do vapor, tendo o coração aos saltos:

— Viria?

— Não viria?

— Não o vejo.

— Ah! lá está êle...

Coravam, enrubesciam, com extrema satisfação, ao darem com os olhos nos olhos do bem amado. Uma delícia, um encanto, — só visto, — cronicado, perde de todo o sabor e a graça.

* * *

Ao pôr o pé em terra, caí nos braços de um camarada, velho amigo dos melhores tempos, um felizardo que teve o senso pratico de trocar a vida agitada pela pacifica solidão do campo. Levou-me, — braço cá e braço lá, — com expansão de amizade, para a vivenda, onde fui acolhido com cordial simpatia. Depois do ligeiro cavaco com a cativante familia, passámos a uma ampla sala, de muito ar e muita luz, — onde estava servida uma farta mesa de solidos acepipes. Saboreado o excelente café, de cigarro na boca, fomos para a larga praça sombreada de salutar arvoredo, vêr o ondear da multidão, que ia se apinhando aos poucos á porta da igreja, na ansia de arranjar logar afim de gosar a saída da procissão. Bimbalhavam alegremente os sinos, os foguêtes espoucavam e a musica no seu *tará-tá-chim* — fazia todo o barulho na altura das suas forças...

Estavamos nas proximidades do carnaval e os intrepidos rapazes da cidade, munidos de lança-perfume, — no meio da alacridade geral, — iam aromatisando, com finos esguichos, o colo aveludado das tentadoras morenas, queimadas pelos ardentes raios caniculares... Uma donzelona, — caricatura de mulher, — feita com pele de galinha e figo passado, — direita como um 1 e chata como uma taboa de engomar, dizia, em rabanadas bruscas, para um brejeiro que por troça lhe espremera a bisnaga:

— Sái, bôbo, vái seringar a tua avó, que comigo perdes o tempo...

As raparigas regalavam-se, choravam de prazer, soltando gritinhos, escondendo o rosto bonito num esvoaçar de risos:

— *Mi* deixe, já estou alagada...

— Sái *marvado*, já tenho os olhos em brasa...

Uma folia, um contentamento sem par.

Bendita seja a Santa Paz, bendito seja o Senhor das Alegrias...

* * *

A's duas horas, mais ou menos, deslisou o prestito da luzidia procissão. Mais de mil pessoas, devotamente, chapéu na mão canhota e guarda-sol na outra, acompanharam as imagens. Dois andores eram conduzidos por moças. O de Santo Antonio, — padroeiro das que ambicionam sentinelas ao lado, — era sustentado por quatro creaturinhas do logar, idealmente for-

mosas, que se percebia logo terem sido escolhidas a dedo, pois primavam em ser as mais gentis da festa.

Andaram a arejar os Santos por esburacadas e pedregosas ruas cheias de barro e pó. Afinal, feito o trajeto, cansados todos, com a respiração curta e as roupas que pareciam salpicadas a óca, regressaram ao templo. O reverendo vigario, sufocado nas banhas, bufava, a destilar camarinhas de suor. Com receio de derreter, trazia, — em sisuda gravidade, — um lenço de chita, de grandes ramagens, a taparlhe dos raios solares a lustrosa calva, ha muito divorciada dos cabelos!

NOVO

Os sinos tornaram a se mover em aterrador estrondo. Novas girandolas subiram e a banda de musica rompeu em desafinados sons um *fox-trot* dengoso, que insensivelmente fez muitos, dominados pelas notas, esquecerem a solenidade do ato e embalar o corpo em voluptuosos meneios!...

* * *

— Ao baile, ao baile! — era o convite que ecoava por entre o formigueiro de gente. A mocidade de ambos os sexos não se fez rogar, correndo todos á casa do festeiro. Êle, o glorioso homem do dia, um colosso de farto abdomen e largos ombros, com as amplas bochechas a cairem, como sanefas, sôbre o colarinho com muito suor e goma pouca, — recebia, lhano, obsequiador, sem distinção, os que chegavam, — dando uma palavra a *êste*, estendendo a mão *áquele* e puxando todos com exagerada simpatia e extrema afabilidade...

Em baixo da copada figueira, um pardo velho, que entrara sem conta pela bebida a dentro, — ria a bandeiras despregadas, fazendo tregeitos, batendo palmas e dando vivas ao pagode e ao *sô majó imperadô*...

Na sala, ao som de cavaquinho, flauta e viola, os pares, na loucura da dansa, sacudiam-se com frenesi, levando pela frente os que não tivessem agilidade e pé leve para escapar a tempo!

Ao fundo, numa especie de atafona, duas extensas mesas ostentavam sobre brancas toalhas de algodão lavado, travessas com arroz, galinhas coradas, perús recheados e fragmentos de assado com couro, — pronto tudo para fortalecer, dando substancia a quem dela necessitasse. Ao lado, em tosco armario, uma bateria de garrafas enfileirava-se, á espera que os convidados fizessem saltar as suas chapinhas *Patent*, para se refrescarem com a cerveja que guardavam no escuro bojo.

Em animada palestra, três moradores do logar faziam pela vida, sumindo para o estomago um leitão de familia, afarofado e gordo, com uma voracidade que pareciam não ter comido desde que vieram ao mundo. E enquanto os queixos se moviam com atividade, íam discutindo interesses locais e varios planos de colheita futura, regando tudo com vinho nacional, que êles afirmavam ser o melhor tonico para a saúde, que inventou Deus Nosso Senhor!

* * *

— D. Ritinha, — avisava em cumulo de delicadeza, um tramanzola estropeado numas botas apertadas, para uma mocinha de laços amarelos, que ia passando: — Agarre a sua luva que caíu no chão.

— Obrigada, *seu* Manduca, — respondeu a mocinha dos laços amarelos, apanhando a luva e seguindo seu caminho...

* * *

Um vago aroma de cousas amorosas espalhava-se por toda a parte... Êste casto idilio de encantadora singeleza, ouvi eu, passado entre dois namorados, encostados á janela que abria para a horta.

Ela, com os lindos olhos cravados no chão, enrolando o lencinho entre dedos, murmurava com timida inocencia, enquanto êle, atrapalhado, escutava-a, preparando, sem acertar, um cigarro de palha grossa:

— O senhor diz que gosta de mim, é mentira, o senhor não gosta de mim.

— Eu não gostar da senhora?! A senhora é que não gosta de mim...

E enrubescidos pelo pudor, nesta linguagem simples, clara, sem artificios, confessavam abertamente, — um ao outro, — o segredo que lhes cantava nalma, enchendo-lhes os corações juvenis...

* * *

E o amor, — soberano despotico, — continuava a reinar como se andasse a pisar em dominios seus. Lá fui encontrar o tipo rude do namorado pimpão. Estava da parte de fóra, com o olhar a faiscar, ralado pelas aduncas garras do implacavel e feroz ciume. A namorada, — uma morenaça esbelta, de boas carnes e melhores cores, — desdenhosa e indifferente para êle, voltava-se, feliz e radiosa, para um mocetão trigueiro, bem parecido e desempenado.

O valentão chispante, com o miolo em brasa, rangia os dentes, metia os dedos na grenha arrepiada e parecia dizer com ares revolucionarios:

— Se isso pegam a sério, vai tudo razo aqui. Comigo não comem farinha, não. Para esbandalhar um e escangalhar outro, não cochilo!...

Mas felizmente a hora tragica não soou. Momentos depois o vi esbravejando no meio de uma roda que, de *biquinho nagua*, o metera á bulha.

— Vou-me embora. Mulher é bicho átôa e não falta quando a gente a quer *precurar*, para nos dar canseiras. O melhor é o desprezo...

Saltou embezerrado para o lombilho e, de rédea solta, cerrou pernas ao matungo e em vertiginosa carreira desapareceu na curva da estrada, enquanto os outros, — que já o conheciam, — ficaram em risota a zombar da fanfarronada dêle...

* * *

Dali seguindo fui dar com o lado burlesco da festa. Duas matronas, — tão encarquilhadas, uma como a outra e desafiando-se ambas, cada qual em primar em ser a mais feia, — cochichavam em grandes gestos.

Cheirando-me aquilo á vida alheia, fui sorrateiro me aproximando o mais que pude. Enganei-me, não era vida alheia, era vida propria, uma revelação íntima, arranhaduras no contrato matrimonial, — o que geralmente se chama *dôr de cotovelo* e nada mais. A de oculos de tartaruga dizia para a de barbicas no queixo:

— E' como lhe digo: aquêle homem está cada vez me saindo mais fóra dos eixos. Deu para êste ridiculo, — metendose no assanhamento depois de velho! Ora a minha vida! Os meus pecados! Para que estava eu reservada nêste vale de lagrimas.

— Trabalhos nunca faltam. Cada um é que sabe as linhas com que se cose. Eu tambem aguentei o que o diabo não era capaz de aguentar, no tempo do falecido. Via-me bamba com as suas falcatruas. A comadre ha de estar lembrada?

— Lembra-me sim. Mas deixe contar-lhe a que me fez hontem.

— Conte, conte. O desabafo é como o flato: pondo-o para fóra, alivia-se logo.

— Tenho estado como não imagina.

(Termina no fim do numero).

AREIMOR

VIAGENS

Em Moscou num dia de festa. A artilharia do Exercito Vermelho. Desfile da infantaria diante da tribuna onde estão Staline, Kalivine, Boudienny e Vorochilof.

No polo Norte. O chefe "Aguia", da tribu dos Kris. Tem 90 anos.

Al Capone, o rei dos bandidos de Chicago, pescando tranquilamente.

Em baixo: o sorriso de Al Capone

O principe Anton de Habsbourg e a princesa Ileana da Rumania que contratou casamento.

SANTA MARIA DE BELEM

POR DANTE COSTA

MÓRA lá em cima, onde o Brasil começa. A clara cidade do Guajará. Banhada pelas aguas serenas da baia mansa, enfeitada pela ingenuidade de mil lendas sem explicação...

No inicio foi um progresso que espantou. O trabalho dos homens. A beleza da terra. Dinheiro. Luxos. Mulheres de todas as linguas vivendo coisas sensacionais...

Depois, o fim. A minha cidade, que já ia se contaminando de civilização, chegou-se novamente ás aventuras simples.

Assim foi melhor. Nada de vicios elegantes. Nada de preocupações custosas, nem luxos rastacueros, nem ciencias intrincadas. Nada de preocupações que atrapalhem...

Desapareceram aquêles homens de chapéu do Panamá, charuto de Havana e ingenuidade do Brasil. Foram embora. Ficaram os simples, sem nenhum dêsses enfeites lamentaveis...

Agora não se vê mais nas ruas aquela confusão de nacionalidades tisnando a paisagem inocente. Os bolivianos, peruanos, americanos, barbadianos, sumiram. Continuou a gente da fala verde amarela. Que desconhece totalmente as linguas differentes dos civilizados presumidos. A gente das várias cores nacionaes. Onde ha indio, africano e português. Tudo misturado. Onde ha bondade, confiança, resignação. A gente boa que vive espiando a vida no espelho transparente dos igarapés, apesar de nunca chegarem, rolando na areia branca, aquelas pedras conhecidissimas que fazem a gente se ufanar dêste país...

Belem!

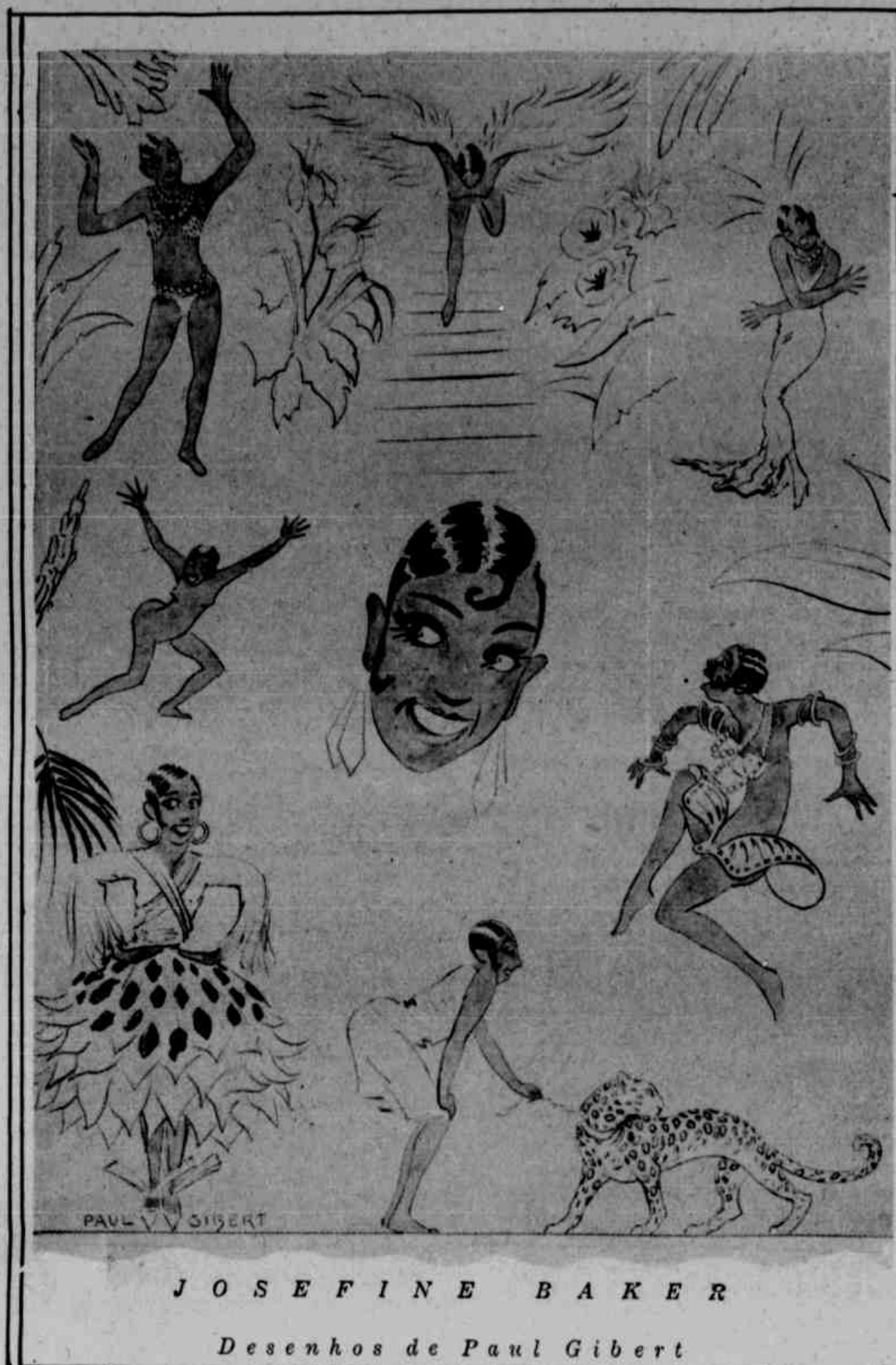
As igrejas grandes, paradas, esperando as moças de vestidos caros, de vestidos bonitos, de vestidos pobres. Esperando os rapazes de sorriso esperto. As beatas. Os homens bons...

Nossa Senhora de Nazareth, padroeira admiravel, opéra os milagres e perdôa, sorrindo, todos os pecados....

Nos domingos dourados de sol, as igrejas e os sinos.

O céu está limpo, muito azul. O azul amazonico, sem vacilações. Franjado de branco. Um vento esplendido que vem do mar, que vem do rio, sacode as mangueiras das ruas e as mangas, tambem douradas de sol, cáem no chão para gula dos moleques que vigiam...

Desce dos automoveis a gente rica que faz a civilização que ficou, discutindo coisas inuteis... Depois vem andando a pé a população melhor. Anonima. Paraense de verdade. Que acredita em assombrações e se entusiasma, infantilmente, por uma cuia de assaí bem pirão... "Marco da Legua". "Ver o peso". "Um arizal". Uma porção de ambientes que o Brasil precisa descobrir...

A tarde chegou. Cheia de calor pesado. Um silencio pegajoso nas ruas dormindo. Nas casas dormindo. As filas de mangueiras volumosas, como gordas sentinelas atentas. Arredondadas. Amplas. Balanços de folhagens, vagarosos, para não quebrar o rítmo educado das horas.

J O S E F I N E   B A K E R

Desenhos de Paul Gibert

De vez em quando alguns rapazes que vão ao *football* ou as regatas do *Yole*. Vejam só. Baixo, cabeça grande de nortista inteligente, cor tostada, atitude energica. Um bocado exquisitão, mesmo sorrindo. Um vago geito de árvore que ainda não se sente muito bem fóra da floresta. Mas passa rapido, vai para as arquibancadas de madeira pobre.

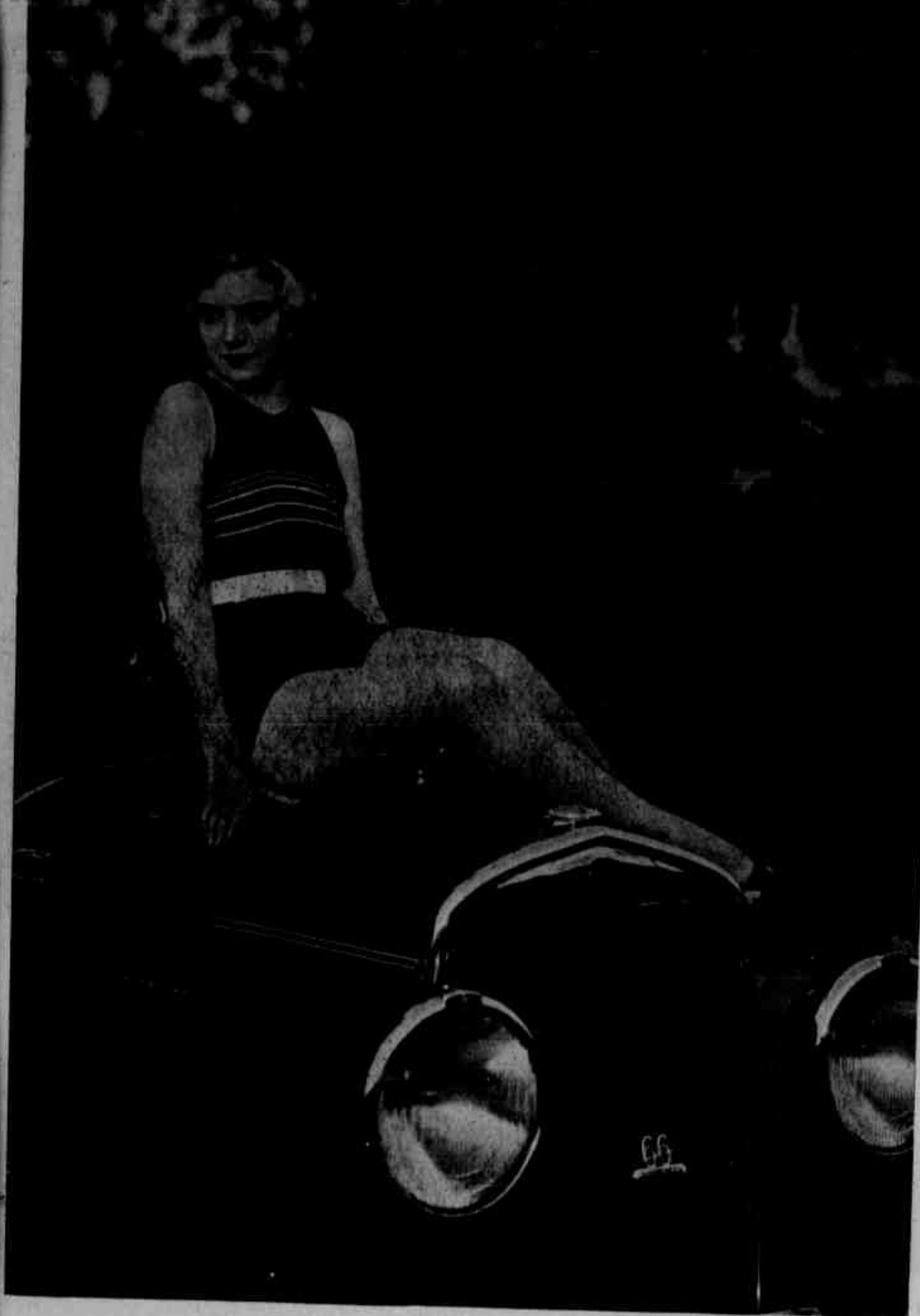
Ha outra perturbação ao silencio paraense. Mas essa é bonissima. E integrada no proprio silencio. Ninguem nota: o ruido compassado das séstas se fazendo... Habito dos que já sentem o cansaço. Imposição do clima, talvez. Mas um vicio tão gostoso como varios outros que a terra tem...

Quando os postes esguios acordam na sombra, é a noite. Poucas pessoas. Os ricos se recolhem sem o que viver...

Então é a hora do amor.

As mulatas, as caboclas, os soldados do 26, motorneiros, indiazinhas que vieram de Igarapé - assú, condutores, vendedores, estão espalhados pelas praças, que ainda se chamam "largos". A' sombra pesada das árvores do largo da Polvora, do largo de Baptista Campos, do largo de São Braz e de outros santos...

Namorando. Conversando. Beliscando.

Êles continuam na noite vagarosa e muda a vida da minha cidade tão longe...

Cinema do Brasil

Lu Marival, Nasceu em S. Paulo. Foi descoberta no Rio. Já está filmando "Ganga Bruta", a terceira produção da Cinédia.

Reportagem

A Senhora Getulio Vargas e D. Sebastião Leme no dia do lançamento da pedra fundamental da capela do convento das Irmãs Clarissas.

No almôço do Rotary Club ao Dr. Baptista Luzardo, Chefe de Policia do Distrito Federal e ao Dr. Salgado Filho, 4º Delegado.

Dona Alba Canizares do Nascimento fazendo a sua conferencia sobre Santa Therezinha do Menino Jesus.

A sala de catolicos que ouviu a conferencia de Dona Alba Canizares do Nascimento sobre Santa Therezinha do Menino Jesus.

Em baixo: no Gabinete Português de Leitura quando foi a sessão inaugural da Federação das Associações Portuguesas do Brasil.

A mesa que presidiu a abertura da Federação das Associações Portuguesas do Brasil, sabado da outra semana.

Reportagem

A Senhora Getulio Vargas e D. Sebastião Leme no dia do lançamento da pedra fundamental da capela do convento das Irmãs Clarissas.

No almôço do Rotary Club ao Dr. Baptista Luzardo, Chefe de Policia do Distrito Federal e ao Dr. Salgado Filho, 4º Delegado.

Dona Alba Canizares do Nascimento fazendo a sua conferencia sobre Santa Therezinha do Menino Jesus.

Em baixo: no Gabinete Português de Leitura quando foi a sessão inaugural da Federação das Associações Portuguesas do Brasil.

A sala de catolicos que ouviu a conferencia de Dona Alba Canizares do Nascimento sobre Santa Therezinha do Menino Jesus.

A mesa que presidiu a abertura da Federação das Associações Portuguesas do Brasil, sabado da outra semana.

COMPADRITO

por JULIO TINTON

ERA festa da bandeira nacional. O mundo oficial tinha comparecido. O outro mundo tambem.

Fóra na relva verde-garrafa do jardim o sol de açafrão punha uns efeitos tão nacionais nas coisas que os convidados cantarolavam com os olhos o nós somos da patria amada. Havia banda de musica, escoteiros, telegramas, oradores e outros objetos de carater civico.

No salão nobre o programa literario musical estava no terceiro número. Depois do terceiro número entrou o quinto número. Do primeiro ao quinto os números foram invertidos. (Mania... Campanha não adeanta).

O quinto número era palido, alto, olhos viciados, cabelo preto brilhante que nem disco. Começou cantando baixinho. Tango argentino. Ás vezes amolecia o corpo, torcia a boca, enrolava os olhos, alongava os sons, devagar, como se a voz fosse de goma. No salão havia extase da parte feminina. Da parte masculina uma invejinha contida, nervosa.

Quando o tango acabou, as senhoras perderam a compostura:

— Mais, mais, mais. Bis.

O rapaz não bisou.

Mas cantou outro.

As senhoras arriscavam opiniões depois do terceiro bis.

— Admiravel! Estupendo! Coisa rara moço brasileiro com tanto geito, com pronuncia tão perfeita!...

Outras achavam que a pronuncia era assim-assim, mas a memoria para guardar tanta letra era assombrosa.

Na ameaça do quarto bis um veterano do Paraguai se levantou. Não ficava mais ali naquela sala, não. Pouca vergonha. Numa festa brasileira.

Então o quinto número não cantou mais tango. Não por causa do veterano.

Porque não sabia mais tangos. Ia estudar outros novos, depois teria muito prazer. Então uma mocinha argentina, porém nascida em Bauru, arriscou:

— Ah, então cante o hino nacional.

O rapaz fez que sim com a cabeça. O veterano voltou. Ficou de pé. Da parte masculina houve entusiasmo. Da feminina não houve nada. A orquestra avisou. Ficou tudo de pé. Silencio. O rapaz começou:

— "Ouviram do Ipiranga..."

Ficou em Ipiranga. A memoria assombrosa não ajudou.

PIJAMAS DE PARIS APRESENTADOS POR MONA PAIVA, MARY GLORY E SUZY VERNON NA PISCINA MOLITOR

de Elegancia

E você não os aprecía?

— Não... Ou serei das últimas a usá-los. Nem isso. Porque arranjei outra coisa diferente dos detestaveis "tricornes", dos chapéus "pontudinhos", de todas essas "caricaturas" que servem para nos envelhecer...

— A você?! Será possivel?!

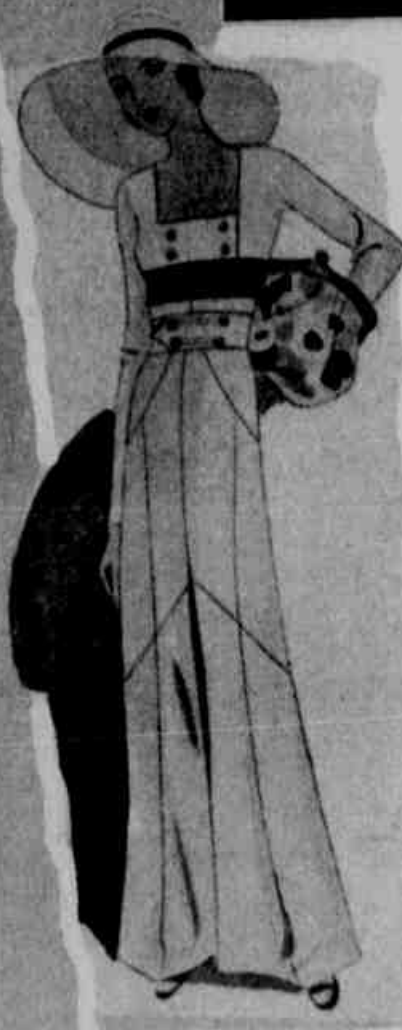
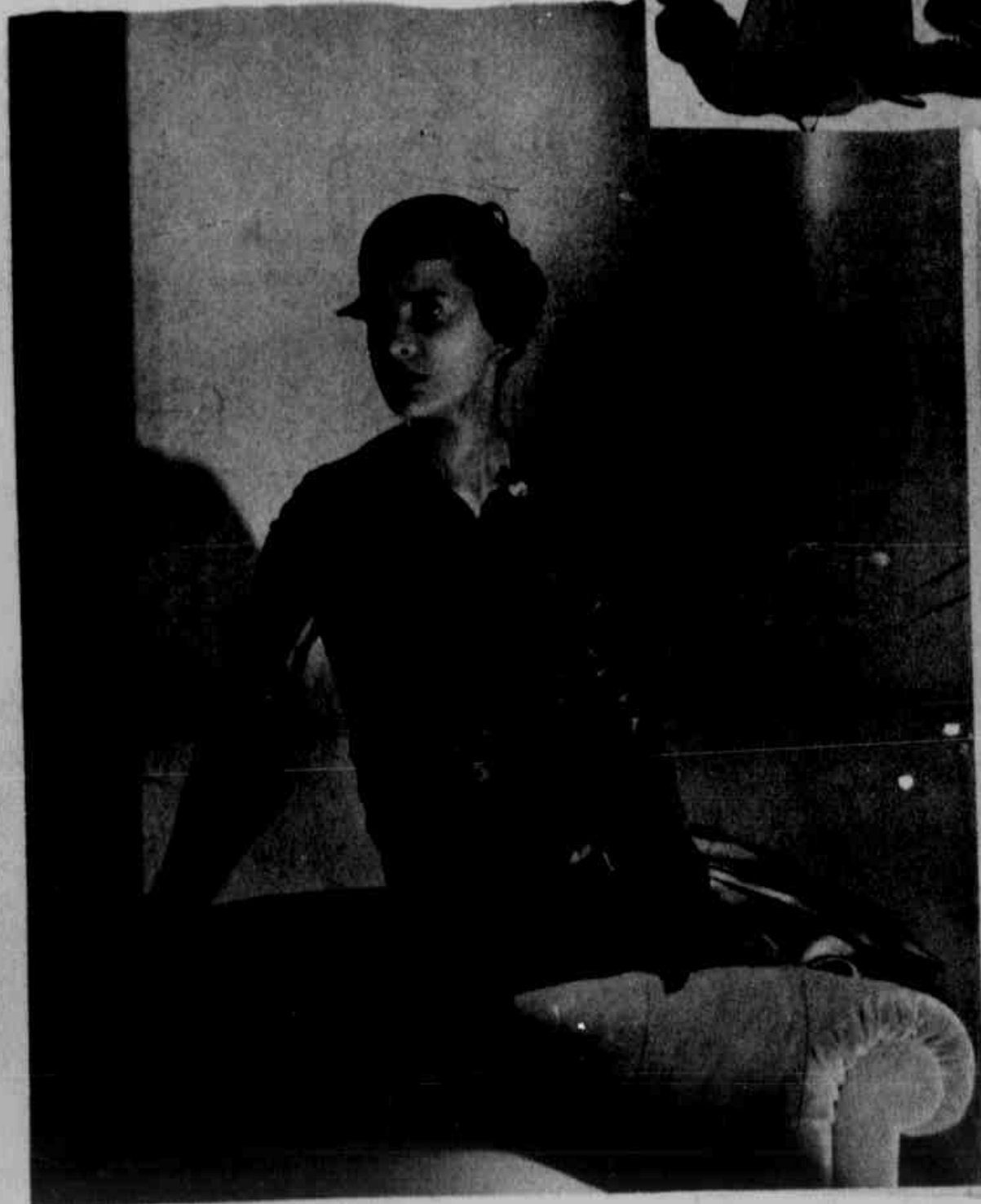
— A mim mesma — respondeu-me Maria Leonarda, abrindo a caixinha de pó de arroz e passando pelo nariz, num gesto, que, nela, é frequente, quasi maquinal, a pequena esponja com pó de arroz côr de pessego maduro.

— E o "canotier"?

— Passavel... Mas os outros... Repare, minha amiga, olhe todas essas moças que você conheceu completamente juvenís, ha dias, e as vê, agora, com a fisionomia trancada, mais velhas dez ou vinte anos — continuou a formosa creatura, desta vez circunvagando o olhar coado pelos vidros do gracioso "lorgnon" de aros de platina.

Assim, leitoras, os "tricornes" têm revolucionado a cidade. Já estão nas cabeças de quasi todas as mulheres de Copacabana, de Botafogo, do Flamengo, no prado do Jockey, e, até nas elegantes dos suburbios...

Mas ha quem se insurja contra a nova moda embora a adote, embora a sofra...

No entanto, o mais rudimentar bom senso não póde admitir um "tricorne" com uma "toilette" esportiva, á

maneira de certa moça que vi num elegante "sweater" e "jumper" de jersey de seda rosa seco. Estava deslocado na gentil cabeça que o rosa do vestido tonalizava com doçura. Se, porém, tivermos de continuar com as boinas — o que é proprio ao traje de esporte, ou num traje ligeiro — que as coloquemos um pouco mais para a frente. Mas um "tricorne" completando a roupa a que aludi... Enfim, minhas caras amigas, tudo é possivel por este mundo de Deus e no capricho dos costureiros. A moda é a moda. Vem. Se a repelimos logo de inicio, ela timbra em nos perseguir, ela se insinua, pouco a pouco, pela voz das "vendeuses", pelas crónicas elegantes, pelos modelos apresentados em "Longchamp", pelos manequins de Vionet, de Patou, de Martial & Armand. A moda, quando quer vencer, é quasi tão renitente quanto as intenções sentimentais de Jacob... E, por força de habito de visão, por experimentar-nos, de constante, vestidos ou chapéus que não nos atrairam á primeira vista, a gente se acomoda como se acomodou com a troca das saias de cincoenta centimetros pelas de metro e tanto, como rejubilamos com os

cabelos cortados, como adorámos os chapéuzinhos minusculos e leves. Acredito, aliás, que, para usar um "tricorne" ou um "alguidar" não precisamos lá de muita força de vontade ou grande sacrificio. Bons cabelos, bem tratados, carita arranjada com arte, um vestido gracioso...

Coragem, leitoras. Maria Leonarda, ela que é a boniteza e a graça em pessoa, verá que o diabo não é tão feio como parece.

....

Quinta-feira, 6 do corrente, a senhora Getulio Vargas recebeu a alta sociedade carioca e corpo diplomatico. Foi uma bela tarde a cujo programa de arte se adicionou o da elegancia da maioria das senhoras que estiveram de visita á ilustre dama.

....

O "grand monde" teve, este ano, apesar do pessimismo de alguns, ncitadas excelentes com a estadia da companhia francêsa Vera Sergine-Henri Rollan, trazida por Piergili, que, para mais frisar o seu prestigio de empresario, conta atraír ao nosso melhor teatro, com espectaculos de outra com panhia francêsa e uma lírica, o público fino e de bom gosto da nossa bela capital.

A companhia Sergine-Rollan tambem agradou pela exibição de vestidos elegantes, demonstrando, mais uma vez, a harmonia com que se vestem as mulheres francesas. A tonalidade das meias: claras, de acôrdo com os sapatos; escuras, tambem combinando com êles, se bem que os sapatos pretos, ora traziam meias canela, ora "mordorées".

O "marron" dos sapatos, luvas e carteira era complemento de vestidos verde agua, vermelho maravilha, branco, azul de pervinca e rosa melancia.

....

Figuram nesta pagina alguns modelos das últimas creações parisienses: vestido esporte de "piqué" branco avivado por uma "écharpe" estampada de vermelho e branco, e cinto de pelica vermelha; pijama de praia de "shantung" creme e cor de ferrugem; pijama de praia de "toile de soie" branca, calça toda enfeitada de tiras em varias tonalidades de azul, debrum do decote do azul mais vivo, bem como o casaco a três quartos; pijama de praia de "toile" verde agua, blusa-"maillot" de jersey preto aparecendo apenas entre o jaleco curtinho e o cinto alto. (Sêda vegetal é a mais propria para os vestidos expostos ao tempo, como tambem os pijamas de praia, pelo fato de ser a que "Indanthren" colore, assegurando resistencia tambem nas repetidas lavagens).

Agora, e bem a proposito pela época de festas á noite, cinco vestidos: de "Molyneux", de "Lucien Lelong", de "Premet", de "Maggy Rouff", de "Jane Regny", todos executaveis nos belos crepes de sêda: setim, "Georgette", musselina ou taffetas móle.

Depois: quatro chapéus dos "baissés sur un œil", donde, um, completa o vestido preto e luvas de altos canhões da princesa Carlo Ruspoli.

Mais: varios feitios de mangas compridas e golas.

E: Um jardim-suspenso ou o modo de guarnecer uma varanda.

....

Movimento elegante da semana: o "film" "Iracema", no "Eldorado", e alguns números regionais.

— A elegancia das clientes de A. Doret — cabeleireiro e perfumista — rua Alcindo Guanabara, 5.

— Rendas, cintos, peles e as esplendidas meias "Sally" da Casa Machado — rua Gonçalves Dias.

SORCIÈRE

De tudo um pouco

COMO AUMENTAR O PESO

Como aumentar o peso — ("Alimentação e Saude" de McCollum e Simmonds — tradução do Dr. Arnaldo de Moraes — Continuação.

Depois da necessidade da dieta completa: — Importancia do Repouso —. Ha pessoas que chegaram a tal estado que é indispensavel sujeitarem-se a um repouso completo como uma das medidas possibilitadoras do aumento do peso. Na maioria dos casos, porém, bastará um pouco mais de descanso que o normal, medida que precisa ser suplementada por um programa nutritivo adequado ao individuo."

O Dr. McCollum tambem diz que "frequentemente a insuficiencia do peso é o resultado de alguma infecção, como as que podem provir de amygdalas infeccionadas, dos dentes, etc. E que é evidente que o primeiro passo a ser dado é tratar de exterminar êsse fóco de infecção."

Nutrição extraordinaria — Todos os alimentos indicados para o regime de diminuição de peso servem tambem para a engorda. "E' sómente indispensavel servir-se dêles abundantemente, além de ingerir um alimento extraordinario á noite, antes de se recolher ao quarto." Alimento que "constará de meio litro de leite, cerca de 100 grs. de creme, um ovo bem batido, duas colheres das de chá cheias de assucar, baunilha, tudo bem mexido juntamente."

— Alô?...

— Alô...

— Bom dia. Como está? Fez boa viagem?

— Sim, viagem de volta. Vim matar saudades...

— Estou pronta para a praia. Quer ir?

— Mal chego!... Nem sei mesmo se saberia aprontar-me pra isso... Que tem feito? Que tem visto? E a "season"?

— Ótima. Um reboliço, depois da estadia de Sergine-Rollan. Os vestidos mais bonitos pelos corredores do Municipal. Os "potins" mais audaciosos na boca de toda a gente chique que por lá andou.

— "All right"... Que mais? E as modas?

— As mulheres só se preocupam com a posição dos chapéus. Ha quem vá ao prado do Jockey para examiná-los. Bonitos, uns; outros feios... Assentam em poucas. Mesmo assim o Jockey é "pôdre de chique" aos domingos á tarde. Mulheres que caprícham nas roupas e homens que vão lá para vê-las...

— E amá-las...

— E' possivel. Mas não me interessa.

— Porque você já tem bastante com que se preocupar...

— E'... Não quer mesmo ir á praia? A manhã está magnifica.

— Não. Marquemos encontro á tarde.

— Para o "cocktail"?

— De vagar, criatura. Olhe que ainda não experimentei um.

— Então estreará hoje.. Arranjarei boa companhia, gente fina, educação aprimorada... Você se sentirá bem. Apesar do pouco cuidado de certos camaradas em tratar com senhoras...

— Hum!... Conte. Parece-me que você sabe de alguma cousa.

— De "gaffe" recente, sim.

— Diga.

— A ultima, autentica. Certo cidadão que conhece certa dama apenas por terem trocado meia duzia de palavras "protocolares", e cumprimentos de rua, quando um vai prá lá e o outro prá cá...

— Sim...

— ... um belo dia... não, uma tarde êle a viu entrar na casa de chá onde estava. Sala cheia. Nem um logarzinho. O homem em questão levanta-se e... Alô!... Alô!... Telefonista! A senhora cortou a ligação!

— Queira desculpar... Com que numero estava falando?

— 7... Alô!... E'. Sou eu mesma. A telefonista interrompeu a conversa.

— Você ficou... Não, o homem é que se havia levantado, e...

— Foi convidar a referida senhora para tomar assento na mesa dêle.

— "Shoking"!

— Não é?

— E você ainda quer levar-me para um aperitivo em companhia que não conheço...

— Conheço-as eu. O Mario, muito camaradinha. O Fifi, um amor. O Gervazinho é quem me conta anedotas durante o banho de sol...

— E você, que é que você fala com êles?

— Lógo mais, minha cara provinciana, você verá que a minha roda é de gente "alinhada".

— A que horas?

— Alô!... Alô!... Telefonista! Telefonista...

(Fazendas tintas por "Indanthren" resistem ao sol e repetidas lavagens. São, portanto, as mais indicadas para pijamas de praia).

S.

NOTA CINEMATICA

Depois de Marlene Dietrich — em "Marrocos" — tivemos a "Inspiração" com a Greta Garbo, a esfinge de Hollywood, enquanto a primeira, tambem pelo seu temperamento esquisito, a sua constante reserva tem provocado os mais pitorescos comentarios dos jornais e dos colegas. E Jeannette Mac Donald, a linda loura da "Alvorada do Amor", voltou em "Monte Carlo". Jeannette desfez, assim, o boato de que morrera, de que a haviam desfigurado — coisa de alguma rival — de que se havia suicidado. Só se póde garantir é que a estrela está mais formosa e que escolhera para marido um corretor de fundos new-yorkino: M. George Ritchie.

ESCRITORAS

Nos tempos de hoje nem só as mulheres de vinte anos para cima se dedicam á arte de escrever. As meninas de onze anos cuidam de compôr contos e descrições, e já se empenham em vê-los em letras de forma.

Rachel de Queiroz, a talentosa cearense que está na idade poetica de menina e moça, obteve, com o romance "O quinze" um premio da fundação Graça Aranha.

Outra ainda mais menina e menos mulher — quasi treze anos — conquistou, em Paris, menção honrosa com um livro intitulado — "Onze heures trente sept".

Paulette de Champeaux, — segundo noticia um jornal francês — começou a escrever, apenas com sete anos, histórias maravilhosas. Agora está radiante pela realização do que tanto sonhara, e, dedicada a estudos que lhe tomam o tempo durante grande parte do ano, promete escrever durante as férias, privando-se, assim, dos brinquedos tão proprios á sua idade.

LIVROS NOVOS

"Herois e Bandidos" — em segunda edição — de Gustavo Barroso.

PENTEADEIRA

Aqui está uma que é mais ou menos cópia das da epoca Luis XVI, embora as lampadas sejam de porcelana da China e de feitio moderno. E' movel que se póde arranjar facilmente.

(Albino Barros & C. — rua Ouvidor e Catete — expõem moveis do melhor gosto, aceitam quaisquer encomenda e vendem a praso).

Em Niteroi

Visita ao General Menna Barreto, interventor Federal, do Colegio Salleciano, no Palacio do Ingá e na Praia das Flechas. A' direita, inauguração do retrato de D. José P. Alves, bispo diocesano, no Colegio Guanabara.

Uma pianista nova

Senhorita Delvair da Silva, pianista brilhante, que vem de ser aplaudidissima no Paraná e no Rio Grande do Sul. Teremos a alegria de ouvi-la, brevemente, num concerto aqui

Na Academia Fluminense de Letras quando foi a posse do Dr. Luiz Lamego. Em baixo: na Federação dos Professores durante a conferencia que alí realizou o general Pires e Albuquerque.

Da semana que passou

Durante um baile
no Club de Regatas
Guanabara

O professor Chriso Fortes entre os amigos e colegas que lhe offereceram um almôço em regosijo pela sua nomeação de lente da cadeira de Cirurgia e Protese, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Presentes os drs. profs. Coelho e Souza, Alexandrino Agra, Areski Amorim, Ugo Pinheiro Guimarães, Benjamim Gonzaga, Pimenta da Cunha, Agnello Cerqueira, Simões de Oliveira e A. Fontes.

Em Niteroi, depois da festa inaugural do Athene Club, nova agremiação feminina, festa realizada no Automovel Club. A directoria, artistas e amadores que tomaram parte no programa.

A sobriedade e elegancia de suas linhas, o luxo, o confórto e o irreprehensivel funccionamento, fizeram-n'o o carro preferido pela alta sociedade.

EM BELEM NOVO

(FIM)

Trago esta cabeça a razão de juros e, se vim á festa, não foi para me divertir e sim para não o perder de vista. Ora ouça: como sabe, depois que o Casusa morreu, foi lá para a casa a Candinha, que está agora a beirar os vinte anos. E é uma rapariga de reputação limpa, — não meto as mãos no fogo, — mas por enquanto nada de sujo tenho que lhe apontar. Desde que me entrou das portas p'ra dentro, — faz agora, três meses, — não deixei de notar que o seu Innocencio mudou e muito. Todo assucar, todo derretido, todo cheio de falas mansas para tudo e para todos, — mas com especialidade para a Candinha. Eu, que não sou tola, andava pisando em ovos, mas não queria fazer explosão sem primeiro ver com estes que a terra ha de comer. Hontem tive de sair para vir ver a Perpetua...

— Está doente?

— Está. Tem andado com esse andasso que anda por aí Quando voltei, — á boquinha da noite, — veiu me esperar a Candinha, lavada em lagrimas, dizendo que se ia embora, que era direita e não estava disposta que lhe entortassem a vida.

— Ora essa! Querem ver que o seu Innocencio!...

— E' isso mesmo, comadre, foi bulir com a rapariga. Estava a espionar-me, e logo que me viu sair, entrou. E o que pensa você que êle foi pedir á rapariga?

— O que foi, comadre? o que foi? — perguntou, com os olhos acesos de curiosidade. — Cousa bôa com certeza não foi.

— Um beijo.

— Um beijo? oh!

— E' verdade, um beijo! Veja você, comadre! Para que precisa aquêle barbas de mono, dos beijos da rapariga?

— Estes homens... estes homens...

— Quando desequilibram e perdem o verniz, só dando-lhe de forma que fiquem sem concerto. Bem diz o padre Botelho: — não é a idade que traz o juizo...

— Não é não. Ha muito maluco de cabelo branco...

— Mas escute.

— Sou toda ouvidos.

— Assim que êle botou o pé no portal, tomei-o de assalto e fui, sem papas na lingua, vomitando tudo que tinha atravessado aqui.

— E êle? Meteu a viola no saco?

— Qual! Não ligou e até riu-se o desbriado, riu-se escandalosamente nas minhas bochechas, dizendo que isso não tinha importancia, que era o ciume que me fazia ver de um argueiro um cavaleiro. E tomando uns ares sérios, com uma cara muito deslavada, explicou-me que pedira á rapariga, — **queijo** e não **beijo**!... Veja você que saida de cabo de esquadra. Ah! mas para que não me chamasse simploria, fui lhe atalhando logo: — Ora mete o dedo aqui para veres se nasci hontem. E se êle metesse, lhe juro pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, que apesar de me faltar os dentes, apertava as gengivas com tal furor que havia de ficar marcado, para o resto da existencia... **Queijo**!... veja que descarado! Uma cousa de que nunca gostou, uma cousa que até nem tinhamos em casa...

De repente, espetando o olhar num sujeito pipote, de olhinhos fanzidos e nariz achatado, que estava na outra extremidade, com grande exaltação, explodiu:

— Olhe, olhe, — eu não dizia: lá está ele como galo de rinha a encrespar-se todo para a filha da Quinota. Ah! homemzinho danado, não perde vasa. Espera, minha prenda, espera, que já te vou cortar o topete e limpar-te a baraba...

E, batendo calcanhares, num arremêsso, investiu em direção ao grupo que avistara, enquanto a outra, muito conciliadora, recomendava:

— Cuidado, comadre, tenha calma, não se deite a perder...

* * *

Foi pena. O desenlace não me foi possivel ver. Os vapores, com seus agudos apitos, chamando os excursionistas, fizeram confusão de grande reboliço. Como exercito á voz de fogo, começou a lufa lufa, numa debandada sem fim.

Cada qual queria chegar primeiro para não perder logar.

— Adeus...

— Até a a vista...

Brandavam de terra em sinal de despedida.

E o **Porto Alegre**, sacudindo seu penacho de fumo, sahiu, rasgando as aguas, fazendo flócos de branca espuma como si fosse "champagne" em traças de crystal.

Noite calma, estrelada, cheia de encantos, velada por discreto luar, de uma suavidade tão meiga como uma caricia de noiva...

A bordo havia regosijo, ria-se, cantava-se, discursava-se, com a algazarra bulhenta e propria da mocidade que se diverte.

Assim, foi o regresso. Quando aportamos ao cáis, — uff! que insuportavel calor, — parecia que tinhamos sahido de um banho consolador, e iamos a entrar na bocca de um forno...

AREIMOR.

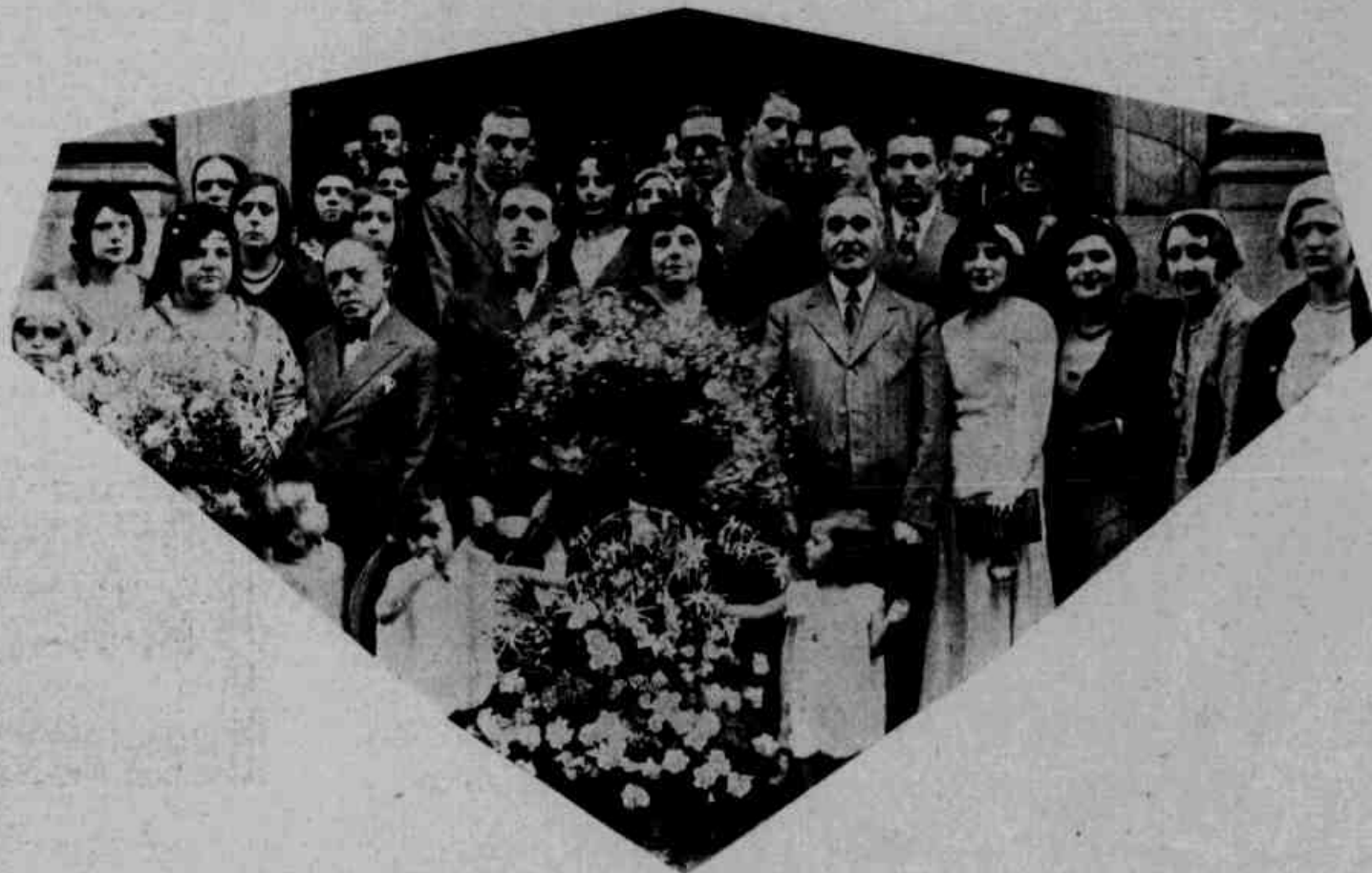
EM S. PAULO — Ato inaugural do Congresso de Habitação, no momento em que discursava o Dr. Alexandre de Albuquerque.

ONDE HA O PRECONCEITO DA CÔR

O senso total da população branca dos Estados Unidos, publicado recentemente, acusa uma percentagem de 87.7 de individuos brancos, nascidos nos Estados Unidos, sobre a população total existente no país. Essa percentagem representa um total de 108.861.207 individuos, sendo que este algarismo demonstra ter havido um aumento de 15,7% sobre a população do país em 1920.

UM CASAMENTO DIFICIL

O registro civil de Hampstead, suburbio residencial de Londres, foi teatro de uma cena inédita, com a quasi realização de um casamento entre abastados hindús alí residentes. O casal de noivos apresentou-se perante o notario público para o ato de casamento, depois da competente notificação prévia em que cada um teve que dar as devidas informações individuais. Apresentaram-se ambos em trajes hindús o que constituiu por si só uma bizarra novidade para o pacato cartorio. A leitura do ato começou, qualificando-se o noivo como sendo Krishna Prasad, viuvo, de 41 anos, banqueiro, morador em Campayne Gardens, Hampstead. A noiva estava qualificada como sendo Prabhavatj Devj Sing, solteira, de 29 anos, e do mesmo endereço do noivo. Antes de terminada a leitura, surgiu uma dificuldade insanavel para o funcionario britanico que presidia o ato, porquanto a noiva declarou que "havia sido dada em casamento ao noivo, quando ainda era criança, na India", e que, assim sendo, devia ser colocado um "ponto de interrogação" adeante da palavra "**solteira**". Não tendo sido possivel demovê-la de seu ponto de vista, como o tentaram outras pessoas presentes e o proprio noivo, o oficial do registro não terminou o ato legal do enlace e remeteu o caso á consideração das autoridades superiores, em Somerset House.

Senhorita Haydéa Paz de Miranda, de Curitiba.

Bodas de Prata do casal Francisco da S. Godinho Villar

MODA E BORDADO
E' uma revista para o lar
Colaborada pelos grandes creadores da moda parisiense
Pedidos do interior ao Gerente de "Moda e Bordado"
Caixa Postal 880
Rua da Quitanda, 7 — RIO
acompanhados de 8$000
Ensinamentos completos
Sôbre trabalhos de agulhas e á máquina com desenhos em tamanho de execução. Os mais apreciados trabalhos de bordados. Mais de 100 modêlos em côres variadas de vestidos de facil execução. Vestidos de noiva, de baile, passeio, luto e casa, lindos modêlos de roupas para crianças. Costumes e casacos. Roupas brancas, e roupas de interior.
Conselhos sobr
beleza, estetica
elegancia
Receitas de deli-
ciosos doces e d
finos pratos eco-
nomicos.
E' vendida em to-
das as livrarias
bancas de jornais
do Brasil.
Preço das assi-
naturas:
Semest . . 16$
Ano . . 30$
Otto Sachs.